

As Festas Santas de Deus

O Plano de Deus Para a Humanidade
A Única Esperança da Raça Humana

ESTA PUBLICAÇÃO NÃO É PARA SER VENDIDA.

É um serviço educacional de interesse público, publicada pela Igreja de Deus Unida, *uma Associação Internacional.*

As Festas Santas de Deus

***O Plano de Deus Para a Humanidade
A Única Esperança da Raça Humana***

Publicação gratuita. É um serviço educacional de interesse público, publicada pela Igreja de Deus Unida, *uma Associação Internacional*.

© 2019 Igreja de Deus Unida, *uma Associação Internacional*
Todos os direitos reservados. Impresso nos Estados Unidos.

As Escrituras citadas, salvo referência em contrário, são extraídas da edição João Ferreira de Almeida, Revista e Corrigida (ARC), SBB 1998.

Índice

- 3 Introdução**
- 6 Os Dias Santos de Deus Têm Alguma Importância Hoje em Dia?**
 - 9 Festas Bíblicas No Novo Testamento
 - 10 As Festas Anuais de Deus
- 12 A Páscoa: Por que Jesus Cristo Teve que Morrer?**
- 21 A Festa dos Pães Asmos: Substituindo o Pecado Pelo Pão da Vida**
- 25 A Festa de Pentecostes: Os Primeiros Frutos da Colheita de Deus**
- 30 A Festa das Trombetas: Um Ponto Crítico na História**
- 35 O Dia da Expição: A Remoção da Causa do Pecado e a Reconciliação com Deus**
- 40 A Festa dos Tabernáculos: Jesus Cristo Reina sobre Toda a Terra**
- 46 O Oitavo Dia: A Vida Eterna Oferecida a Todos**
 - 51 Qual Será o Destino dos Impenitentes?
- 52 Como Devemos Observar as Festas de Deus?**
 - 55 Colossenses 2:16 Mostra os Cristãos Gentios Observando os Dias Santos

Versões Bíblicas

As escrituras citadas são extraídas da versão da Bíblia portuguesa de João Ferreira de Almeida, Revista e Corrigida (ARC).

Outras versões bíblicas utilizadas são referidas pelas seguintes abreviações:

- ARA – Almeida Revista e Atualizada
- ACF – Almeida Corrigida Fiel
- BLH – Bíblia na Linguagem de Hoje
- NVI – Nova Versão Internacional

Introdução

“Um dos desejos mais profundos da humanidade é encontrar um padrão unitário no qual toda a existência seja ordenada simetricamente” — Isaiah Berlin.

Todas as nações celebram feriados pátrios. Estes dias especiais são lembranças de acontecimentos importantes na história de um país. Eles são a linha contínua entre o passado e o presente de uma nação.

Provavelmente, qualquer o cidadão sabe e até consegue explicar, pelo menos em parte, o significado dessas celebrações. Contudo, paradoxalmente, esse mesmo cidadão raramente dificilmente sabe dizer algo sobre os dias em que adora e honra a Deus. As raízes não bíblicas destas práticas religiosas são tranquilamente ignoradas em suas celebrações.

Por conta disso, as pessoas, geralmente, creem que comemorações populares como a Sexta-Feira Santa, o Domingo de Páscoa e o Natal representam corretamente os temas bíblicos. Contudo, a Palavra de Deus em nenhuma parte ordena essas práticas e não há registro na Bíblia sobre isso ser praticado pela Igreja primitiva do Novo Testamento. Na verdade, Deus *ordena* outras festas, às quais as pessoas, raramente, prestam atenção.

Algumas pessoas têm observado que a Bíblia menciona determinados dias para celebrações religiosas. Porém, pouquíssimas pessoas citam os nomes dessas celebrações religiosas bíblicas, e muito menos pessoas sabem explicar significado delas.

Geralmente, quem conhece essas festas acredita que somente dizem respeito à antiga Israel e que chegaram ao fim com a crucificação de Jesus Cristo. E supõem que esses dias simplesmente apontavam para Cristo e, como Ele viveu na terra há dois mil anos, eles já não têm mais importância. A maioria das pessoas considera essas festas como meras relíquias da história que são irrelevantes para o mundo moderno.

Mas, por incrível que possa parecer, a própria Bíblia refuta essas ideias populares. Uma olhada objetiva nos registros bíblicos revela que o Natal nem o Domingo de Páscoa—as duas maiores festas do calendário cristão—não se encontram em parte alguma da Bíblia. Para a surpresa de muitos, o Novo Testamento mostra Jesus celebrando os Dias Santos de Deus, assim como também os Seus discípulos, que continuaram seguindo o Seu exemplo muitas décadas depois de Sua morte e ressurreição.

O que os apóstolos ensinaram durante o primeiro século, depois da ressurreição de Cristo, também difere do que acredita a maioria das pessoas. As instruções dos apóstolos revelam um Deus que deseja que *todos* os cristãos cristãos guardem os Dias Santos bíblicos—por uma razão importante.

O que esses Dias Santos revelam

Por que Deus quer que observemos esses Dias Santos? Porque Ele quer que conheçamos o nosso futuro, e, por isso, revela-nos o *Seu grande propósito para a humanidade*.

Deus explica o motivo de ter nos criado e revela o nosso destino final, dizendo-nos ainda como podemos alcançar! A observância dos Dias Santos de Deus é a chave para se entender o grande plano de Deus para o futuro da humanidade.

As festas bíblicas, e os Dias Santos no decorrer delas, acontecem em três épocas do ano—a colheita no princípio da primavera, a colheita ao fim da primavera e a colheita ao princípio do outono na terra de Israel. Os temas que esses dias retratam refletem o plano de Deus da *colheita espiritual* da humanidade para a eternidade, a qual se referiu Jesus Cristo (João 4:35-38).

Essas celebrações servem de lembranças eternas de como o plano de Deus proporciona a *vida eterna* ao homem mortal. O Nosso Criador cumprirá Seu plano, independente das escolhas e ações do homem, que têm levado à consistentemente separação de Deus, ao sofrimento e à morte (Provérbios 14:12; 16:25; Isaías 59:1-8; Jeremias 10:23). Essas festas revelam o desenvolvimento progressivo do plano de Deus para a humanidade e como Ele estabelecerá o Seu Reino na terra. Esta é a *boa nova*, ou o *evangelho* anunciado por Jesus Cristo (Marcos 1:14-15). (Para mais informação sobre este importante assunto, por favor, solicite nosso guia de estudo bíblico gratuito *O Evangelho do Reino de Deus*).

A intenção de Deus de conceder à humanidade a vida eterna tem existido “desde a fundação do mundo” (Mateus 25:34). Os Dias Santos de Deus ensinam à humanidade este notável projeto. O apóstolo Paulo resumiu isso, de forma brilhante, em sua carta aos efésios: “descobrimo-nos o mistério da sua vontade, segundo o seu beneplácito, que propusera em si mesmo, de tornar a congregar em Cristo todas *as coisas*, na dispensação da plenitude dos tempos, tanto as que *estão* nos céus como as que *estão* na terra; nele, *digo*, em quem também fomos feitos herança, havendo sido predestinados conforme o propósito daquele que faz todas *as coisas*, segundo o conselho da sua vontade” (Efésios 1:9-11).

Os Dias Santos nos ajudam a compreender o *plano mestre* de Deus—como realmente posamos nos tornar o Seu povo. Atentemos para esta descrição de nosso destino: “Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens, pois com eles habitará, e eles serão o seu povo, e o mesmo Deus estará com eles e *será* o seu Deus” (Apocalipse 21:3). Passo a passo, os Dias Santos mostram-nos como este maravilhoso cenário se tornará realidade.

No capítulo 23 de Levítico encontramos uma lista das festas de Deus. Depois de mencionar o Sábado semanal, o texto descreve essas celebrações especiais com nomes incomuns tais como Festa dos Pães Asmos, Festa das Semanas e Festa dos Tabernáculos—a palavra “festa” aqui foi traduzida do hebraico *chag* ou *hag*, especificando um “festival ou celebração”. Quando

Deus revelou essas celebrações a Moisés, Ele disse-lhe: “São estas as *festas fixas* do SENHOR” (versículos 2, 4 e 37, ARA, grifo nosso). A palavra hebraica traduzida como “festas fixas” [ou solenidades] é *moedim*, que significa “tempos designados”—compromissos que Deus quer que consideremos.

A Bíblia nos diz que, eventualmente, Deus ensinará a *todos* a observarem esses dias (Zacarias 14:16). Nas páginas deste livro você entenderá o fascinante propósito de cada um desses Dias Santos de Deus, que, na verdade, é a única esperança da humanidade!



Outro Dia Santo de Deus?

Por que Deus ordenou que o Sábado semanal fosse observado como um dos Dez Mandamentos? E por que esse mandamento é quase universalmente ignorado?

O que é mais incompreendido e controverso nos Dez Mandamentos de Deus é a esta Sua instrução: “Lembra-te do dia do Sábado, para o santificar” (Êxodo 20:8). Muitos vêem o Sábado como uma relíquia esquisita da história, talvez uma bonita ideia algures no passado, mas totalmente impraticável no mundo atarefado de hoje.

Alguns acreditam que o domingo é o mesmo Sábado e que passar uma ou duas horas na igreja cumpre a intenção do quarto Mandamento.

Outros creem que Jesus Cristo acabou com um dia específico de descanso e com a necessidade de adorar num dia específico, pois qualquer tempo que escolhermos para reverenciar a Deus é santo. E muitos outros supõem que o apóstolo Paulo ou a Igreja primitiva trocaram o dia de Sábado pelo domingo em honra à ressurreição de Cristo, chamando-o de Dia do Senhor.

Por que Deus ordenou um dia de descanso semanal? Ele tinha algum propósito nisso? E, se tinha, qual seria esse propósito? O Sábado é importante? Ele faz sentido no mundo de hoje? Por que há tanta confusão em volta dos dez princípios básicos e das leis que Deus entregou à humanidade?

Onde está a verdade acerca disso? E por que há tanta controvérsia sobre esse mandamento quando a maioria das pessoas, inclusive os líderes religiosos e suas igrejas, pouco contestam os outros nove mandamentos?

Você precisa saber dessas respostas importantes perguntas. Descubra a verdade em *O Sábado: De Pôr do sol ao Pôr do sol—o Dia do Descanso de Deus*. Você ficará surpreso ao descobrir o que a Bíblia realmente diz! Entre em contato conosco para obter sua cópia gratuita. Veja a nossa lista de endereços na última página.

Para saber mais, baixe ou solicite nosso guia de estudo bíblico gratuito **“O Sábado: De Pôr do sol ao Pôr do sol—o Dia do Descanso de Deus”**.

<http://portugues.ucg.org/estudos>

Os Dias Santos de Deus Têm Alguma Importância Hoje em Dia?

Quando Deus começa alguma coisa nesta presente era da humanidade, quase sempre tem um início muito pequeno. Em Mateus 13:31-33, Jesus Cristo comparou o Reino de Deus a duas coisas: ao *grão de mostarda* e ao *fermento*. Ambas as analogias começam por algo pequeno que se expande para algo muito grande. Assim Também, nos tempos do Antigo Testamento, Deus chamou relativamente poucas pessoas, as quais aceitaram seguir os Seus caminhos.

O registro bíblico demonstra que, no início da história descrita na Bíblia, somente algumas pessoas decidiram obedecer a Deus. Todavia, nos primórdios da eras, os patriarcas, incluindo Abel, Enoque e Noé responderam à revelação do plano de salvação de Deus (Mateus 23:35). Depois do dilúvio da época de Noé, Deus resolveu trabalhar com Abraão e sua esposa, Sara. Acerca das pessoas obedientes a Deus dessas épocas Hebreus 11:13 diz que “todos estes morreram na fé”, mas acreditando que alcançariam a vida eterna (versículo 40).

Precisamos entender que o plano para nos dar a vida eterna já estava em andamento nas vidas desse povo de Deus da antiguidade. O plano não teve início com uma aliança ou pacto realizado entre Deus e a antiga Israel nem começou com o ministério terreno de Jesus.

Deus amou tanto o mundo “que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (João 3:16). O amor de Deus, demonstrado pela entrega de Seu Filho, proporcionou a continuidade de Seu plano de salvação, que foi determinado desde a fundação do mundo (Mateus 25:34; Apocalipse 13:8). O esquema dos Dias Santos revelaria, no momento certo, o plano que Deus tinha feito para a humanidade desde o início. A observância dessas festas não era simplesmente uma boa ideia que Deus teve depois de dar início a história humana.

Deus começou revelando à família de Abraão essa *boa nova* acerca do Seu plano de salvação (Gálatas 3:8). Gênesis 26:3-4 identifica determinadas bênçãos que Deus prometeu a Abraão e aos seus descendentes. O Criador prometeu abençoá-los: “Porquanto Abraão obedeceu à Minha voz e guardou o Meu mandado, os Meus preceitos, os Meus estatutos e as Minhas leis” (versículo 5). Talvez esta seja a razão porque a Bíblia chama Abraão de “amigo de Deus” e “pai de todos os que creem” (Tiago 2:23; Romanos 4:11; Gênesis 18:17-19).

Uma nação escolhida

Os descendentes de Abraão tornaram-se uma poderosa nação (Gênesis

18:18). Eles foram chamados pelo nome de Jacó, neto de Abraão, cujo nome foi mudado para Israel (Gênesis 32:28). Depois de se estabelecerem no Egito, não demorou muito para que se tornassem escravos (Êxodos 1). A história de como Deus libertou Israel da escravidão, assim como a história de como Ele nos livra do mal hoje em dia, é parte desse intrincado esquema das festas de Deus.

Em seu devido tempo, o Criador desencadeou uma série de eventos que ilustraram aos israelitas como o Seu plano era representado pela observância dos Dias Santos e como os conduziria à libertação da escravidão no Egito. Quando Moisés e Arão se dirigiram a faraó, eles disseram ao governante egípcio que esta era a ordem do Deus de Israel: “Deixa ir o Meu povo, *para que Me celebre uma festa* no deserto” (Êxodo 5:1).

Antes, Moisés e Aarão tinham se reunido com os anciãos de Israel e explicado o plano de Deus para libertá-los (Êxodo 3:16-18). Então, Moisés e o seu irmão Arão, guiados por Deus, fizeram uma série de milagres diante do povo (Êxodo 4:29-30). Diante disso, os israelitas creram (mas, depois, hesitaram) que Deus os libertaria e cumpriria o Seu acordo com Abraão, como tinha prometido (Êxodo 4:31; 6:4-8).

O que se seguiu foi a primeira Páscoa e a primeira Festa dos Pães Asmos da antiga Israel. Muito tempo depois, a Igreja do Novo Testamento celebrou estes mesmos dias como lembrança da libertação dos cristãos através de Jesus Cristo. Por exemplo, Paulo disse aos membros da Igreja em Corinto—judeus e gentios—que deviam ficar “sem fermento”, isto é, sem pecado, porque “Cristo, nossa Páscoa, foi sacrificado por nós” (1 Coríntios 5:7). No versículo seguinte Paulo diz: “*Pelo que façamos festa*”, referindo-se à mesma festa que Deus tinha instituído para a antiga Israel muitos séculos antes.

As festas no Novo Testamento

Desde os primeiros anos de infância, Jesus celebrou as festas com Seus pais. Lucas 2:41 diz-nos: “Ora, todos os anos, iam seus pais a Jerusalém, à Festa da Páscoa”. Os versículos seguintes descrevem Jesus, então com a idade de doze anos, debatendo fervorosamente com teólogos de sua época durante essa festa (versículos 42-48). Com Seu entendimento e discernimento, Ele deixou espantados aqueles líderes religiosos. João escreve que Jesus continuou observando os Dias Santos anuais depois de adulto, durante o Seu ministério (João 2:23; 4:45).

Em um de Seus mais instrutivos exemplos, Jesus arriscou a Sua segurança pessoal para assistir à Festa dos Tabernáculos (João 7:1-2; 7-10, 14). “No último dia, o grande *dia* da festa, Jesus pôs-se em pé e clamou, dizendo: Se alguém tem sede, que venha a Mim e beba. Quem crê em Mim, como diz a Escritura, rios de água viva correrão do seu ventre. E isso disse Ele do Espírito, que haviam de receber os que nEle cressem; porque o Espírito Santo ainda não fora dado, por ainda Jesus não ter sido glorificado” (João 7:37-39).

Muitas igrejas creem que o apóstolo Paulo alterou fundamentalmente a maneira que os cristãos devem adorar. Esta ideia defende que Paulo ensinou aos gentios que a observância dos Dias Santos era desnecessária. Entretanto,

sendo que parte de seu estilo de escrever era difícil de compreender até mesmo por seus contemporâneos (2 Pedro 3:15-16), as suas declarações e ações claras contradizem qualquer ideia de ele ter anulado ou abolido a prática dos Dias Santos.

Por exemplo, em 1 Coríntios 11:1-2, Paulo disse aos seus seguidores: “Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo” e “retende os preceitos, como vo-os entreguei”. Alguns versículos adiante, ele explica : “Porque eu recebi do Senhor o que também vos ensinei: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão; e, tendo dado graças, o partiu e disse: Tomai, comei; isto é o meu corpo que é partido por vós; *fazei isto em memória de Mim*” (1 Coríntios 11:23-24).

Se a prática de Paulo não fosse a de observar os Dias Santos, os seus comentários aos judeus e gentios em Corinto seriam injustificáveis. É evidente que Paulo jamais desencorajou alguém a guardar as festas anuais; esta ideia seria impensável para ele (Atos 24:12-14; 25:7-8; 28:17).

Pelo contrário, os registros bíblicos sobre o ministério de Paulo retratam repetidamente os Dias Santos como práticas importantes e marcos em sua vida. Por exemplo, ele disse aos efésios: “É-me de todo preciso celebrar a solenidade que vem em Jerusalém” (Atos 18:21, ACF). Em Atos 20:16 e 1 Coríntios 16:8 vemos Paulo planejando sua viagem para acomodar a Festa de Pentecostes. Lucas, companheiro de viagem de Paulo, em Atos 27:9, refere-se ao ano àquela ocasião do ano como sendo depois do “Jejum”, referindo-se ao Dia da Expição.

O Comentário Bíblico Expositivo [The Expositor's Bible Commentary], em referência a Atos 20:6, diz que Paulo, impossibilitado de chegar a tempo a Jerusalém para a Páscoa, “permaneceu em Filipos para celebrá-la, e também a Festa dos Pães Asmos, que dura uma semana...” (Richard N. Longenecker, 1981, Vol. 9, p. 507). Ainda sobre Atos 20:16, esse mesmo comentário nota que Paulo “apressava-se, pois, para estar, se lhe fosse possível, em Jerusalém, no dia de Pentecostes...” (p. 510).

O ministério de Paulo incluía a prática dos Dias Santos de Deus junto com a Igreja. Defendendo o evangelho que pregava, Paulo disse que trazia a mesma mensagem que os outros apóstolos ensinavam: “Então, ou seja eu ou sejam eles, assim pregamos, e assim haveis crido” (1 Coríntios 15:11).

Paulo e todos os outros apóstolos ensinaram, consistentemente, uma mensagem acerca da necessidade de os cristãos *seguirem o exemplo de Jesus Cristo em todos os aspectos*. O apóstolo João, que escreveu até quase no fim primeiro século, resume esta mensagem: “Aquele que diz que está nEle também deve andar *como Ele andou*” (1 João 2:6).

Os judeus crentes continuaram guardando os Dias Santos, como também fizeram os cristãos gentios (ver artigo “Colossenses 2:16 Mostra os Cristãos Gentios Observando os Dias Santos,” página 55). Diante de todas essas evidências, somente podemos concluir que a prática da Igreja primitiva era a de observar essas festas de Deus, a Páscoa é a primeira delas.

Festas Bíblicas No Novo Testamento

Observância Bíblica Igreja	Ordenada no Antigo Testamento	Observada por Jesus Cristo, pelos apóstolos ou pela Igreja no Novo Testamento
Páscoa	Levítico 23:5	Mateus 26:2, 17-19; Marcos 14:12-16; Lucas 2:41-42; 22:1, 7-20; João 2:13, 23; 6:4; 13:1-30; 1 Coríntios 11:23-29
Festa dos Pães Asmos	Levítico 23:6-8	Mateus 26:17; Marcos 14:12; Lucas 2:41-42, 22:1,7; Atos 20:6; 1 Coríntios 5:6-8
Festa de Pentecostes	Levítico 23:15-22	Atos 2:1-21; 20:16; 1 Coríntios 16:8
Festa das Trombetas*	Levítico 23:23-25	Mateus 24:30-31; 1 Tessalonicenses 4:16-17; Apocalipse 11:15
Dia da Expiação	Levítico 23:26-32	Atos 27:9
Festa dos Tabernáculos	Levítico 23:33-43	João 7:1-2, 8, 10, 14; Atos 18:21
Oitavo Dia (às vezes chamada de O Último Grande Dia)	Levítico 23:36,39	João capítulos 7-9

(*) Embora a Festa das Trombetas não seja mencionada pelo nome no Novo Testamento, o tema desse dia — o soar de trombetas anunciando o regresso de Jesus Cristo — é mencionado por vários autores do Novo Testamento, como observado nas referências.

As Festas An

Era Romana	Páscoa (*)	Festa dos Pães Asmos	Festa de Pentecostes
2019	Abril 19	Abril 20-26	Junho 9
2020	Abril 8	Abril 9-15	Maio 31
2021	Março 27	Março 28-Abril 3	Maio 16
2022	Abril 15	Abril 16-22	Junho 5
2023	Abril 5	Abril 6-12	Maio 28
2024	Abril 22	Abril 23-29	Junho 16
2025	Abril 12	Abril 13-19	Junho 1
2026	Abril 1	Abril 2-8	Maio 24
2027	Abril 21	Abril 22-28	Junho 13
2028	Abril 10	Abril 11-17	Junho 4
2029	Março 30	Março 31-Abril 6	Maio 20
2030	Abril 17	Abril 18-24	Junho 9
2031	Abril 7	Abril 8-14	Junho 1
2032	Março 26	Março 27-Abril 2	Maio 16
2033	Abril 13	Abril 14-20	Junho 5
2034	Abril 3	Abril 4-10	Maio 28

(*) Segundo a Bíblia, os dias começam ao anoitecer (Gênesis 1:5), quando o sol se põe, (Josué 8:29; 2 Crônicas 18:34; Marcos 1:32), e são contados de uma “tarde a outra tarde” (Levítico 23:32).

- Assim, todas as festas de Deus começam ao anoitecer antes das datas acima referidas. Por exemplo, no ano 2020 a Páscoa será celebrada ao

uais de Deus

Dia de Trombetas	Dia da Expiação	Festa dos Tabernáculos	Oitavo Dia
Set. 30	Out. 9	Out. 14-20	Out. 21
Set. 19	Set. 28	Out. 3-9	Out. 10
Set. 7	Set. 16	Set. 21-27	Set. 28
Set. 26	Out. 5	Out. 10-16	Out. 17
Set. 16	Set. 25	Set. 30-Out. 6	Out. 7
Out. 3	Out. 12	Out. 17-23	Out. 24
Set. 23	Out. 2	Out. 7-13	Out. 14
Set. 12	Set. 21	Set. 26-Out. 2	Out. 3
Out. 2	Out. 11	Out. 16-22	Out. 23
Set. 21	Set. 30	Out. 5-11	Out. 12
Set. 10	Set. 19	Set. 24-30	Out. 1
Set. 28	Out. 7	Out. 12-18	Out. 19
Set. 18	Set. 27	Out. 2-8	Out. 9
Set. 6	Set. 15	Set. 20-26	Set. 27
Set. 24	Out. 3	Out. 8-14	Oct. 15
Set. 14	Set. 23	Set. 28-Out. 4	Oct. 5

anoitecer da terça-feira, dia 7 de Abril de 2020, depois do pôr do sol, e a Festa dos Pães Asmos começa ao anoitecer de quarta-feira, dia 8 de Abril de 2020.

- As festas terminam ao pôr do sol das referidas datas. Por exemplo, em 2020, a Páscoa termina ao pôr do sol do dia 8 de Abril de 2020.

A Páscoa:

Por que Jesus Cristo Teve que Morrer?

A maioria de nós já ouviu dizerem que Jesus Cristo morreu pelos nossos pecados, mas o que isso realmente quer dizer? Por que Sua morte foi necessária? O que o sacrifício de Cristo tem ver com o plano de Deus para a humanidade? Como a morte de Jesus Cristo reflete nas festas santas de Deus? Este capítulo, acerca da Páscoa do Novo Testamento, abordará esta questão importante.

O sacrifício de Jesus é um acontecimento fundamental no plano de Deus para salvar a humanidade. Ao falar de Sua morte, Cristo disse, referindo-se a Si mesmo como o Filho do Homem, que Ele precisava ser “levantado” (crucificado) tal “como Moisés levantou a serpente no deserto”, de sorte



Vemos aqui que o sacrifício de Jesus, a mensagem central da Páscoa, foi um ato supremo de amor pela humanidade.

Este importante acontecimento estabeleceu a fundação para os restantes festivais anuais.

que “para que todo aquele que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (João 3:14-16).

Vemos aqui que o sacrifício de Jesus, a mensagem central da Páscoa, foi um supremo ato de amor pela humanidade. Esse importante acontecimento estabeleceu a base para as outras festas anuais. E é o passo mais significativo do plano de Deus.

Exatamente antes da Páscoa, quando haveria a Sua execução, Jesus disse: “Para isso vim a esta hora” e, “quando for levantado da terra, todos atrairei a Mim” (João 12:27, 32).

Esse profundo acontecimento da crucificação ocorreu no dia 14 do primeiro mês do calendário de Deus, o mesmo dia em que os cordeiros

da Páscoa eram sacrificados (Levítico 23:5). Mais tarde, Paulo escreveu à congregação de Corinto: “Cristo, nossa Páscoa, foi sacrificado por nós” (1 Coríntios 5:7).

Agora veremos novamente na Bíblia as instruções e o significado revelado por Deus sobre esse dia. Isso vai nos ajudar a compreender porque Deus espera que continuemos observando a Páscoa.

Instruções sobre a Páscoa de Deus

Através de Moisés, Deus disse a faraó: “Deixa ir o Meu povo, para que Me celebre uma festa no deserto” (Êxodo 5:1). Por meio de uma série de pragas, Deus demonstrou o Seu grande poder e libertou os israelitas da escravidão do Egito. Depois da nona praga, Ele deu instruções específicas a Israel sobre a décima e iminente praga dessa série de terríveis calamidades e também o que cada família Israelita deveria fazer para escapar dela.

Deus disse que, no décimo dia do primeiro mês, cada Israelita deveria escolher um cordeiro ou cabrito suficientemente grande para alimentar uma família (Êxodo 12:3). Tinha que ser um macho de um ano e sem nenhum defeito. No décimo quarto dia desse mês, no crepúsculo da tarde, o animal seria morto e parte de seu sangue seria posto nas ombreiras das portas das casas. Os animais seriam assados, e, depois, comidos com pão Asmo e ervas amargas. Os israelitas comeram essa refeição apressadamente.

Além disso, o Criador informou aos israelitas que naquela noite mataria todo o primogênito do Egito para convencer o faraó a libertá-los da escravidão. Os primogênitos israelitas seriam protegidos se o sinal do sangue estivesse na entrada das portas de suas casas. Deus “*passaria por cima*” de suas casas (versículo 13)—e assim temos o significado do nome desta festa.

Deus disse aos israelitas: “Este dia vos será por memória, e celebrá-lo-eis por festa ao SENHOR; nas vossas gerações o celebrareis por estatuto perpétuo” (Êxodo 12:14). Mais tarde, os escritores bíblicos explicaram que a observância anual da Páscoa simbolizava a Cristo. Paulo refere-se a Cristo como a “nossa Páscoa” (1 Coríntios 5:7), e o evangelho de João registra que João Batista reconheceu a Cristo como “o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (João 1:29).

Aquele animal imaculado representava a Jesus Cristo como sacrifício perfeito, sem pecado, pelas nossas faltas. Hebreus 9:11-12 diz-nos que “vindo Cristo, o sumo sacerdote dos bens futuros, por um maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos, isto é, não desta criação, nem por sangue de bodes e bezerros, mas por *seu próprio sangue*, entrou uma vez no santuário, havendo efetuado uma eterna redenção”. Jesus Cristo nos comprou com o Seu sangue, dando a Sua vida, como cordeiro da nossa Páscoa, para que Deus perdoasse os nossos pecados.

Por que Jesus Cristo teve que morrer? O Nosso Salvador teve que morrer porque essa era a única maneira pela qual Deus poderia perdoar os nossos pecados. A Bíblia diz-nos que o pecado é a violação da lei de amor de Deus

(1 João 3:4). “Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus” (Romanos 3:23). A nossa desobediência nos tornaram merecedores da pena da morte (Romanos 5:12; 6:23).

Paulo ilustra o amor profundo de Jesus Cristo por nós ao dar a Sua vida em nosso favor (Romanos 5:6-8). Todos nós estaríamos condenados eternamente se a pena por nossos erros não tivesse sido paga de alguma forma. Cristo, que viveu uma vida perfeita como o imaculado Cordeiro de Deus, substituiu a Sua morte pela nossa. E, defato, Sua morte era a única substituição possível. O Seu sacrifício tornou-se o pagamento de nossos pecados. Ele morreu por nós para podermos compartilhar eternamente a vida com Ele. Portanto, de agora em diante, nós não podemos viver de acordo com os nossos desejos. Fomos remidos e comprados por Deus por um preço altíssimo (1 Coríntios 6:19-20).

Jesus e o apóstolo Paulo esclareceram que a Páscoa continua sendo uma celebração cristã. O próprio Jesus instituiu novos símbolos e práticas para ensinar aos cristãos algumas verdades importantes a Seu respeito e sobre o plano de salvação de Deus.

A Páscoa do Antigo Testamento *prenunciou* a crucificação de Cristo. E a Páscoa do Novo Testamento é *um memorial* dessa crucificação. Quando a celebramos, nós “proclamamos a morte do Senhor até à Sua vinda” (1 Coríntios 11:26).

Agora vamos examinar as instruções específicas de Cristo em relação à cerimônia da Páscoa e às lições que devemos aprender dela.

Uma lição de humildade e serviço

O apóstolo João descreveu os acontecimentos da última noite de Jesus Cristo com os Seus apóstolos, deste modo: “Ora, antes da festa da Páscoa, sabendo Jesus que *já* era chegada a sua hora de passar deste mundo para o Pai, como havia amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim. E, acabada a ceia, tendo já o diabo posto no coração de Judas Iscariotes, *filho* de Simão, que o traísse, Jesus, sabendo que o Pai tinha depositado nas suas mãos todas as coisas, e que havia saído de Deus, e que ia para Deus, levantou-se da ceia, tirou as vestes e, tomando uma toalha, cingiu-se. Depois, pôs água *numa* bacia e começou a lavar os pés aos discípulos e a enxugar-lhos com a toalha com que estava cingido” (João 13:1-5).

Geralmente, o ato de lavar os pés dos hóspedes era dever do criado mais inferior da casa. No primeiro século, isso era um ato de hospitalidade. Em vez de pedir a um criado para executar essa função para os Seus hóspedes, o próprio Jesus, humildemente, fez isso para ensinar uma lição importante. Assim continua o relato: “Depois que lhes lavou os pés, e tomou as suas vestes, e se assentou outra vez à *mesa*, disse-lhes: Entendeis o que vos tenho feito? Vós me chamais Mestre e Senhor e dizeis bem, porque Eu o sou. Ora, se eu, Senhor e Mestre, vos lavei os pés, *vós deveis também lavar os pés uns aos outros*” (versículos 12-14).

Jesus deixou para Seus discípulos essa última lembrança da importância de servir aos outros com humildade. Isto reforçava uma lição anterior que Ele havia dado, que está registrada em Mateus 20:25-28, onde Jesus admoesta a Seus discípulos sobre a maneira certa, e também a errada, de liderança: “Então, Jesus, chamando-os para junto de si, disse: Bem sabeis que pelos príncipes dos gentios são estes dominados e que os grandes exercem autoridade sobre eles. Não será assim entre vós; mas todo aquele que quiser, entre vós, fazer-se grande, que *seja vosso serviçal*; e qualquer que, entre vós, quiser ser o primeiro, que seja vosso servo, bem como o Filho do



Homem não veio para ser servido, *mas para servir* e para dar a Sua vida *em resgate* de muitos” (Mateus 20:25-28).

O simples ato de lavar os pés de outra pessoa contém uma lição vital, que está intimamente ligada à Páscoa. Ele concluiu: “*Eu vos dei o exemplo, para que, como Eu vos fiz, façais vós também*” (João 13:15). Hoje em dia, quantos cristãos obedecem a essa simples

O animal imaculado representava Jesus Cristo como sacrifício perfeito, sem pecado, pelas nossas faltas.

instrução de lavar os pés uns dos outros e demonstram essa atitude em suas vidas? A nossa vida, que é propriedade redimida por Deus, através do sacrifício de Cristo, deve ser dedicada a servir a Deus e a nosso semelhante.

O pão: símbolo do corpo de Cristo

Mais tarde, quando os discípulos estavam comendo, Jesus disse que um deles iria trai-Lo (Mateus 26:21-25). Mas observe o versículo 26: “Enquanto comiam, Jesus tomou o pão, e, abençoando-o, o partiu, e o deu aos discípulos, e disse: Tomai, comei, isto é o Meu corpo”.

O corpo de Cristo tornava-se uma oferta sacrificial do pecado, pois, de fato, “temos sido santificados, *mediante a oferta do corpo de Jesus Cristo*, uma vez por todas. Ora, todo sacerdote se apresenta, dia após dia, a exercer o serviço sagrado e a oferecer muitas vezes os mesmos sacrifícios, que nunca jamais podem remover pecados; Jesus, porém, tendo oferecido, para sempre, um único sacrifício pelos pecados . . . Porque, com uma única oferta, aperfeiçoou para sempre quantos estão sendo santificados” (Hebreus 10:10-14, ARA). Deus perdoa-nos através do sacrifício de Jesus Cristo e “santifica-nos”—separa-nos—para o santo propósito de obedecer-Lhe.

A nossa decisão de comer o pão da Páscoa significa que compreendemos que Jesus Cristo “se manifestou, para aniquilar o pecado *pelo sacrifício de Si mesmo*” (Hebreus 9:26). Espontaneamente, Ele aceitou sofrer uma morte

excruciante por nós. Cristo suportou em Seu corpo o sofrimento físico e psicológico causado pelo pecado.

O sacrifício de Jesus Cristo também está intrinsicamente associado à nossa cura. Pedro escreveu sobre o sofrimento de Cristo, dizendo: “Levando Ele mesmo [Cristo] em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro, para que, mortos para os pecados, pudéssemos viver para a justiça; e pelas Suas feridas fostes sarados” (1 Pedro 2:24). Isaías profetizou sobre o sofrimento de Cristo por nós: “Verdadeiramente, Ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputamos por aflito, ferido de Deus e oprimido. Mas Ele *foi* ferido pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz *estava* sobre Ele, e, pelas Suas pisaduras, fomos sarados” (Isaías 53:4-5).

Em Mateus 8:16-17, lemos sobre os milagres de cura no ministério de Jesus. Ele curou “muitos endemoninhados, e Ele, com a Sua palavra, expulsou *deles* os espíritos e curou todos os que estavam enfermos, para que se cumprisse o que fora dito pelo profeta Isaías, que diz: ‘Ele tomou *sobre Si* as nossas enfermidades e levou as *nossas* doenças.’”

Jesus Cristo mostrou, através de Suas curas milagrosas, que Ele era o Messias prometido. Além de demonstrar a Sua compaixão, esses milagres demonstraram que Ele possuía o poder de perdoar pecados (Mateus 9:2-6). O pecado traz sofrimento! A cura total, somente possível pelo sacrifício de Cristo, inclui *todo o ser* da pessoa, que leva ao alívio e eliminação do sofrimento mental, emocional e físico resultantes de nossos pecados.

Através do perdão de nossos pecados, Cristo também nos tornou possível a vida eterna. “*Eu sou o pão da vida*”, disse Ele, “vossos pais comeram o maná no deserto e morreram. Este é o pão que desce do céu, para que o que dele comer não morra. Eu sou o pão vivo que desceu do céu; se alguém comer desse pão, *viverá para sempre*; e o pão que Eu der é a *minha carne*, que Eu darei pela vida do mundo” (João 6:48-51).

Um relacionamento que conduz a uma nova vida

O pão da Páscoa nos lembra da relação íntima entre os cristãos e Jesus Cristo. Em Romanos 6:1-6, Paulo mostra-nos que, depois que estivermos simbolicamente unidos com Cristo na morte através do batismo, “não sirvamos mais ao pecado”, mas “andemos nós também em novidade de vida”. A comer o pão manifestamos a promessa de *permitir que Cristo viva em nós*.

O apóstolo Paulo descreve esta união com Cristo em Gálatas 2:20: “*Já* estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas *Cristo vive em mim*; e a vida que agora vivo na carne vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou e se entregou a si mesmo por mim”. Paulo compreendia que viver de sua própria maneira jamais deveria ser o seu objetivo. A Sua relação com Jesus Cristo tornou-se sumamente importante.

O apóstolo João disse o que Cristo espera de nossa relação com Ele: “Nisto sabemos que o conhecemos: *se guardarmos os Seus mandamentos* . . . Aquele

que diz que está nEle *também deve andar como Ele andou*” (1 João 2:3-6).

O pão da Páscoa reforça o nosso entendimento de que Jesus Cristo, o verdadeiro “pão da vida”, *precisa viver em nós* para que possamos ter uma vida inteiramente nova. Deus perdoa os nossos pecados para nos santificar—para continuar nos reservando para um propósito sagrado e para nos redimir (ou seja, para nos comprar por um alto preço). Desse modo, Agora pertencemos a Deus e assim Ele pode realizar o Seu propósito em nós.

O significado do vinho da Páscoa

Por que foi que Jesus ordenou aos Seus discípulos beber vinho na cerimônia da Páscoa como um símbolo do Seu sangue? Qual o simbolismo disso?



Vejamos o registro de Mateus: “A seguir, tomou um cálice e, tendo dado graças, o deu aos discípulos, dizendo: Bebei dele todos; porque isto é o meu sangue, o sangue da *nova aliança*, derramado em favor de muitos, para remissão de pecados. E digo-vos que, desta hora em diante, não berei deste fruto da videira, até aquele dia em que o hei de beber, novo, convosco no reino de meu Pai” (Mateus 26:27-29, ARA).

Cristo sabia que bebendo vinho como símbolo do Seu sangue derramado, a nossa mente se impressionaria profundamente pela Sua morte ter sido para perdão dos nossos pecados.

O que podemos aprender deste simbolismo? Primeiramente, Cristo sabia que ao beber um pouco de vinho como símbolo do Seu sangue derramado iria causar um profundo impacto em nossa mente pelo fato de Sua morte ter acontecido para haver perdão de nossos pecados. “Fazei isto, todas as vezes que beberdes, em memória de mim” (1 Coríntios 11:25). Jesus “nos ama, e *em seu sangue* nos lavou dos nossos pecados” (Apocalipse 1:5). Deus perdoa os nossos pecados através do sangue derramado por Cristo (1 João 1:7).

Normalmente, a grande maioria das compreende esse princípio—de que Deus perdoa os nossos pecados através do sangue de Jesus Cristo—mas nem todas entendem como isso ocorre. Paulo explica que “quase todas as *coisas*, segundo a lei, se purificam com sangue; e *sem derramamento de sangue não há remissão [de pecados]*” (Hebreus 9:22).

O Antigo Testamento registra a instrução de Deus ao sacerdócio sobre certas responsabilidades, que incluíam um sistema de limpeza e purificação

utilizando o sangue de animais sacrificados, prenunciando assim o derramamento do sangue de Cristo, o supremo sacrifício pelo pecado. Ele ordenou à nação de Israel a seguir este sistema *temporário* de purificação ritual do pecado (Hebreus 9:9-10). O sacrifício de animais serviu como símbolo ou representação do único e verdadeiro sacrifício futuro, o de Jesus Cristo, o qual pagaria a pena pelos pecados de todos de uma vez por todas.

A Bíblia ensina que a vida de uma pessoa está em seu sangue (Gênesis 9:4). Quando uma pessoa perde muito sangue, ela morre. Por isso, o sangue, quando derramado, produz a expiação do pecado, o qual produz a morte (Levítico 17:11). Jesus perdeu o Seu sangue quando foi açoitado, crucificado e trespassado (Lucas 22:20; Isaías 53:12). Ele derramou o Seu sangue ao morrer pelos pecados da humanidade.

Quando participamos da cerimônia do vinho durante a Páscoa, devemos ponderar cuidadosamente seu significado. Essa pequena porção de vinho representa o verdadeiro sangue da vida que se esvaiu do corpo moribundo de Jesus Cristo para remissão dos nossos pecados (Efésios 1:7). E esse perdão traz a libertação da morte eterna.

Além de remir todos os nossos pecados, o sangue de Jesus Cristo também torna possível a remoção de nossa culpa. Hebreu 9:13-14 compara o sacrifício físico de um animal com o sangue de Cristo: “Porque, se o sangue dos touros e bodes e a cinza de uma novilha, esparzida sobre os imundos, os santificam, quanto à purificação da carne, quanto mais o sangue de Cristo, que, pelo Espírito eterno, se ofereceu a si mesmo imaculado a Deus, *purificará a vossa consciência das obras mortas*, para servirdes ao Deus vivo?”.

A palavra *consciência* vem do Latim *conscire*, que significa “estar consciente de culpa”. A nossa consciência nos alerta sobre o certo e o errado.

O ato de tomar o vinho na cerimônia da Páscoa do Novo Testamento é uma expressão de nossa *fé de que Deus realmente nos perdoou*. Estamos livres do pecado e da culpa (João 3:17-18) e os nossos corações estão “purificados da má consciência” (Hebreus 10:22). Vivemos em novidade de vida e com uma consciência limpa (Romanos 6:14).

Acontece que algumas pessoas continuam se sentindo culpadas mesmo depois do arrependimento. Embora a nossa consciência nos culpe imediatamente quando pecamos de novo, nós *não* devemos ficar recriminando-nos continuamente por causa dos pecados outrora perdoados por Deus. Aliás, devemos confiar plenamente em nossa libertação da culpa. Esta libertação nos foi dada por Deus (1 João 1:9; 3:19-20).

O acesso ao Pai

O sangue derramado de Cristo também torna possível o nosso acesso ao próprio trono de Deus Pai. nos termos da Antiga Aliança somente o sumo-sacerdote podia entrar na área do tabernáculo, conhecida por Santuário ou Santo Lugar (Hebreus 9:6-10). Aquele “propiciatório” representava o trono de Deus. Levítico 16 descreve, noutro Dia Santo, o Dia da Expiação, a

cerimônia que se realizava ali todos os anos. Nesse tempo, o sumo-sacerdote aspergia o sangue de um bode, representando o futuro sacrifício de Jesus Cristo, sobre o propiciatório para purificar, simbolicamente, os israelitas de todos os seus pecados (versículos 15-16).

Por causa do sangue de Jesus Cristo, que remove o pecado e nos torna puros perante Deus, nós podemos desfrutar do acesso direto ao Pai (Hebreus 9:24). Jesus, como o nosso Sumo-Sacerdote, entrou no Santo Lugar pelo Seu próprio sangue (Hebreus 9:11-12). Agora, podemos nos dirigir a Deus Pai sem hesitação ou medo de ser rejeitados, mas com certeza e confiança (Hebreus 10:19-22).

Hebreus 4:16 menciona essa confiança que podemos ter para nos dirigir a Deus: “Cheguemos, pois, *com confiança* ao trono da graça, para que possamos alcançar misericórdia e achar graça, a fim de sermos ajudados em tempo oportuno”. Portanto, Jesus Cristo tornou possível essa nossa íntima relação com Deus, Nosso Pai.

A nossa aliança com Deus

O sangue de Cristo também significa que Ele fez uma aliança [concerto] conosco. Como vimos, quando Jesus apresentou o vinho aos Seus discípulos, durante a observação da última Páscoa juntos, Ele disse-lhes: “Isto é o Meu sangue, o *sangue* da nova aliança” (Mateus 26:27-28 ARA).

Por que esse vinho é chamado “o sangue da nova aliança”? O autor do livro de Hebreus explica que, depois de Deus realizar a Antiga Aliança com Israel no Monte Sinai, a qual eles se comprometeram a obedecer, a aliança foi ratificada pela cerimônia da aspersão de sangue. Os escritores bíblicos chamaram isso de o “sangue da aliança” (Hebreus 9:18-20, ARA; 13:20; Êxodo 24:3-8).

Precisamos entender que o nosso arrependimento, batismo e aceitação do sacrifício de Jesus Cristo—bem como a crença em Sua promessa de perdão dos nossos pecados—faz parte da nossa aliança com Deus. Através dessa aliança, que aceitamos com muita gratidão e que podemos confiar plenamente (Hebreus 6:17-20), é que Deus nos promete a vida eterna. Quando aceitamos o sacrifício de Cristo para a remissão do pecado, entramos numa relação de aliança com o Deus do universo. Esta aliança é descrita tanto no Antigo Testamento (Jeremias 31:31) quanto no Novo Testamento (Hebreus 8:8), que tem por nome Nova Aliança (versões bíblicas de ARA, ACF e NVI) ou Novo Concerto (versão bíblica de ARC). As condições desta aliança são absolutas porque foi selada com o sangue derramado de Jesus Cristo (Hebreus 9:11-12, 15). Esta aliança é renovada todos os anos, quando participamos da Páscoa, no dia e na hora correta, como observada por Cristo (Marcos 14:12, ARA; Lucas 22:14-15).

Quais são os termos desse relacionamento nessa aliança? “Esta é a aliança que farei com eles, depois daqueles dias, diz o Senhor: Porei no seu coração as Minhas leis e sobre a sua mente as inscreverei, acrescenta: Também de

nenhum modo Me lembrarei dos seus pecados e das suas iniquidades, para sempre” (Hebreus 10:16-17 ARA).

A antiga Israel não teve o coração disposto a guardar fielmente os mandamentos de Deus (Deuteronômio 5:29). Mas, sob a Nova Aliança, Deus escreve Suas leis *em nossos corações e mentes*. Estas leis *não* se tratam de purificação física como no sistema de sacrifícios, lavagens e serviços no tabernáculo. Em vez disso, elas são leis santas e virtuosas que definem o comportamento correto para com Deus e o semelhante (Romanos 7:12) e conduzem à vida eterna (Mateus 19:17). O ato de beber o vinho da Páscoa é um simbolismo de nossa aceitação do relacionamento nessa aliança, que é ratificada pelo sangue de Jesus Cristo.

A observância anual na Igreja primitiva

O Novo Testamento mostra os cristãos continuando a observar as festas anuais nos períodos ordenados por Deus. Quando era jovem, Cristo também celebrava a Páscoa anualmente no dia correto (Lucas 2:41), e continuou essa prática com os Seus discípulos. A Igreja primitiva também continuou observando os outros Dias Santos nas datas corretas. Por exemplo, Atos registra que os seguidores de Jesus se reuniram para observar a Festa de Pentecostes: “Cumprindo-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar” (Atos 2:1).

As Escrituras não dizem nada sobre a Igreja primitiva ter acrescentado festas diferentes ou mudado as datas ordenadas por Deus para as Suas festas. A frase, em 1 Coríntios 11:26—“Porque, *todas as vezes que* comeres este pão e beberdes este cálice”—simplesmente assinala que, ao celebrar a Páscoa anualmente no dia determinado, os membros da Igreja anunciavam “a morte do Senhor, até que venha”.

A Bíblia ordena a celebração anual da Páscoa, e a história registra que esta era a prática da Igreja primitiva. A Páscoa, como um memorial da morte de Jesus, é para ser celebrada anualmente, e como todas as outras festas anuais, ela é observada uma vez ao ano e não diversas vezes. Nem Cristo nem os apóstolos deram a entender que devêssemos mudar a data ou a frequência de quaisquer das festas de Deus.

Hoje em dia, seguindo o Seu exemplo, devemos observar a Páscoa ao começo da noite do dia 14 do primeiro mês do calendário hebraico (mês conhecido por Abibe ou Nisã). (Datas nas páginas 10 e 11).

Durante a Sua última Páscoa com os Seus discípulos, Jesus explicou que essa celebração tem implicações significativas para o futuro. Em Mateus 26:29 Ele disse-lhes: “Digo-vos que, desde agora, não beberei deste fruto da vide até àquele Dia em que o beba de novo convosco no Reino de Meu Pai.”

A celebração anual da Páscoa lembra-nos que Deus é Quem perdoa os pecados e nos garante a vida eterna em Seu Reino, através do sacrifício de Jesus Cristo, a nossa Páscoa. Esta prática é um memorial do trabalho contínuo de nosso Criador para a salvação da humanidade.

A Festa dos Pães Asmos: Substituindo o Pecado Pelo Pão da Vida

Imediatamente depois da Páscoa vem uma festa que descreve o passo seguinte na execução do plano mestre de Deus. Depois de Deus ter perdoado os nossos pecados, através do sacrifício de Cristo, como podemos continuar evitando o pecado, visto que temos que viver em novidade de vida? Como podemos viver como o povo redimido de Deus? Vamos encontrar essa resposta no notável simbolismo da Festa dos Pães Asmos.



Quando Deus libertou Israel da escravidão no Egito, Ele disse ao Seu povo: “Sete dias comeis pães asmos”, (Êxodo 12:15). O versículo 39 explica mais: “E cozeram bolos asmos da massa que levaram do Egito, porque não se tinha levedado, porquanto foram lançados do Egito; e não se puderam deter, nem prepararam comida”.

O fermento é um agente de levedura que faz com que a massa de pão cresça. O processo de fermentação do pão leva tempo.

Os Dias de Pães Asmos fazem-nos lembrar que, com a ajuda de Deus, nós temos de remover e evitar todos os tipos de pecado—simbolizado pelo fermento—em todas as áreas da nossa vida.

Os israelitas não tiveram tempo para isso quando deixaram o Egito, por isso cozeram e comeram pães sem fermento. Aquilo que começou por uma necessidade continuou ao longo de uma semana. De forma apropriada, Deus chamou esse tempo de Festa dos Pães Asmos (Levítico 23:6), ou Dias dos Pães Asmos (Atos 12:3).

Quando Jesus veio à Terra como ser humano, Ele observou esses sete dias da festa—às vezes chamada pelos judeus de Festa da Páscoa por causa da proximidade da Páscoa com os Dias dos Pães Asmos. Jesus observou-a quando criança e continuou depois de adulto (Lucas 2:41; Mateus 26:17).

A Igreja primitiva, seguindo o exemplo das práticas religiosas de Cristo, também a observou.

As primeiras instruções e ensinamentos de Cristo

Deus entregou Suas primeiras instruções referentes a essa festa quando os israelitas se preparavam para deixar o Egito. “E este dia vos será por memória, e celebrá-lo-eis por festa ao SENHOR; nas vossas gerações o celebrareis por estatuto perpétuo. Sete dias comereis pães asmos; ao primeiro dia, tirareis o fermento das vossas casas; porque qualquer que comer *pão* levedado, desde o primeiro até ao sétimo dia, aquela alma será cortada de Israel. E, ao primeiro dia, *haverá* santa convocação; também, ao sétimo dia, tereis santa convocação; nenhuma obra se fará neles, senão o que cada alma houver de comer; isso somente aprontareis para vós” (Êxodo 12:14-16). Portanto, esta era uma festa que durava sete dias, sendo que o primeiro e o sétimo dia eram sábados ou dias santos anuais.

Anualmente, conforme os israelitas observavam esta festa, eles eram lembrados que Deus libertou seus antepassados da escravidão no Egito. O Criador instruiu: “Guardai, pois, a *Festa* dos Pães Asmos, porque naquele mesmo dia tirei vossos exércitos da terra do Egito” (Êxodo 12:17). O êxodo do Egito permanece uma razão fundamental para que se observe essa festa até hoje. Assim como Deus libertou a antiga Israel, Ele nos livra de nossos pecados e dificuldades.

Agora observe o ensinamento de Jesus Cristo sobre o fermento, que expande o significado dessa festa. Durante o Seu ministério Cristo realizou dois milagres nos quais alimentou milhares de pessoas. Depois de um desses incidentes, os Seus discípulos, que estavam contornando o Mar da Galileia, se esqueceram de trazer pão. Então, Jesus disse-lhes: “Adverti e acautelai-vos do fermento dos fariseus e saduceus” (Mateus 16:6).

Os discípulos pensaram que Jesus se referia à falta de pão. Mas, Ele estava aproveitando a ocasião para ensiná-los, chamando à atenção para o simbolismo do fermento. Cristo perguntou-lhes: “Como não compreendestes que não vos falei a respeito do pão, mas que vos guardásseis do fermento dos fariseus e saduceus? Então, compreenderam que não dissera que se guardassem do *fermento do pão*, mas *da doutrina* dos fariseus” (Mateus 16:5-12).

Alguns dos membros da elite religiosa do tempo de Cristo ensinavam e praticavam tradições criadas pelo homem que eram realmente contrárias à lei de Deus e, portanto, pecaminosas. E Jesus disse-lhes o seguinte: “E assim invalidastes, pela vossa tradição, o mandamento de Deus. Hipócritas...” (Mateus 15:6-7).

Os Dias dos Pães Asmos nos fazem lembrar que, com a ajuda de Deus, devemos remover e evitar todos os tipos de pecado—simbolizado pelo fermento—e viver de acordo com os mandamentos de Deus em todos os aspectos de nossa vida.

Esses dias continuam sendo importantes

Durante a Festa dos Pães Asmos, ao usar também a comparação do pecado ao fermento, o apóstolo Paulo ensinou as mesmas lições espirituais que Jesus tinha ensinado. Ao repreender a congregação dos coríntios por causa de suas divisões, invejas e tolerância ao comportamento sexual impróprio, Paulo escreveu-lhes: “Não é boa a vossa jactância. Não sabeis que um pouco de fermento faz levedar toda a massa? *Limpai-vos, pois, do fermento velho*, para que sejais *uma nova massa, assim como estais sem fermento*. Porque Cristo, nossa Páscoa, foi sacrificado por nós. Pelo que *façamos festa*, não com o fermento velho, nem com o fermento da maldade e da malícia, mas *com os asmos da sinceridade e da verdade*” (1 Coríntios 5:6-8).

A igreja em Corinto óbvia e indubitavelmente guardava a Festa dos Pães Asmos, a qual Paulo sempre aludia. Contudo, Paulo serviu-se da obediência fiel dos coríntios em guardar fisicamente a festa (removendo o fermento de suas casas) para encorajá-los a celebrá-la com o devido entendimento e intuito espiritual.

Hoje em dia, o ato de remover fermento de nossas casas por sete dias, lembra-nos que, através da oração, da ajuda e da compreensão divina, também devemos reconhecer, expulsar e evitar o pecado. A Festa dos Pães Asmos é, portanto, um período de reflexão pessoal. Devemos meditar em nossas atitudes e conduta e pedir a Deus que nos ajude a reconhecer e superar nossas fraquezas.

Em 2 Coríntios 13:5, Paulo falou dessa autorreflexão extremamente necessária quando disse à igreja de Corinto: “Examinai-vos a vós mesmos se permaneceis na fé; provai-vos a vós mesmos. Ou não sabeis, quanto a vós mesmos, que Jesus Cristo está em vós? Se não é que já estais reprovados”.

Praticando as lições espirituais

Nós aprendemos praticando. Nós aprendemos lições espirituais fazendo coisas físicas. Cumprir a tarefa de retirar o fermento de nossas casas nos lembra de vigiar atentamente os pensamentos e ações pecaminosos para que possamos evitá-los. Deus sabe que, apesar das nossas boas intenções, todos nós pecamos.

Muitos anos depois de sua conversão, Paulo descreveu a poderosa tendência humana ao pecado: “Acho, então, esta lei em mim: que, quando quero fazer o bem, o mal está comigo. Porque, segundo o homem interior, tenho prazer na lei de Deus. Mas vejo nos meus membros outra lei que batalha contra a lei do meu entendimento *e me prende debaixo da lei do pecado* que está nos meus membros. Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte? Dou graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor. Assim que eu mesmo, com o entendimento, sirvo à lei de Deus, mas, com a carne, à lei do pecado” (Romanos 7:21-25).

Paulo sabia que a vida em si mesma é uma batalha contra o pecado. A Bíblia fala do “pecado que *tão de perto* nos rodeia” (Hebreus 12:1). Nós

temos a nossa parte na luta para vencer o pecado. Contudo, devemos confiar na ajuda de Deus. Paulo explicou isso aos filipenses, dizendo-lhes: “Operai a vossa salvação com temor e tremor; porque *Deus é o que opera em vós* tanto o querer como o efetuar, segundo a *Sua* boa vontade” (Filipenses 2:12-13).

De fato, Paulo não encerrou sua discussão sobre a luta contra o pecado, no sétimo capítulo do livro de Romanos, nessa observação, aparentemente sem esperança, de permanecer escravizado ao pecado. Ele prosseguiu no próximo capítulo para mostrar que podemos nos libertar do caminho do pecado e da morte—com a ajuda de Cristo e através do Espírito Santo de Deus.

O fato de guardar os Dias dos Pães Asmos nos ajuda a entender a necessidade crucial da ajuda de Jesus Cristo para vencermos as nossas fraquezas. E isso se reflete no segundo aspecto de como Deus ordena que essa festa seja observada—comer *pão sem fermento durante sete dias*. Mas qual é o significado desse *pão sem fermento* que comemos?

A lição sobre comer pão sem fermento

Para remover efetivamente o pecado e impedi-lo de voltar para nossas vidas, precisamos fazer algo—devemos substituir nossas fraquezas humanas e tendências pecaminosas por algo muito melhor. E aprendemos isso com as instruções de Deus para comer pão sem fermento durante toda a festa.

O que representa esse *pão asmo*? O próprio Jesus explica no sexto capítulo do livro de João. À medida que a Festa dos Pães Asmos se aproximava, e pouco depois de Cristo realizar um grande milagre para alimentar milhares de pessoas (versículos 4-13), observe o que Ele disse à multidão que O seguia, além de algumas declarações no último capítulo da Páscoa:

“Trabalhai não pela comida que perece, mas pela comida que permanece para a vida eterna, a qual o Filho do Homem vos dará . . . Moisés não vos deu o pão do céu, mas meu Pai vos dá o *verdadeiro pão do céu*. Porque o *pão de Deus é aquele que desce do céu e dá vida ao mundo* . . .

“Eu Sou o *pão da vida*; aquele que vem a mim não terá fome; e quem crê em mim nunca terá sede . . . Eu Sou o *pão da vida*. Vossos pais comeram o maná no deserto e morreram. Este é o pão que desce do céu, para que o que dele comer não morra”.

“Eu Sou o *pão vivo que desceu do céu*; se alguém comer desse pão, viverá para sempre; e o pão que eu der é a minha carne, que eu darei pela vida do mundo . . . Este é o pão que desceu do céu; não é o caso de vossos pais, que comeram o maná e morreram; quem comer este pão viverá para sempre” (João 6:27-58).

Observe os diferentes termos que Jesus aplicou a Si mesmo—“o *verdadeiro pão do céu*”, “o *pão de Deus*”, “o *pão da vida*” e “o *pão vivo que desceu do céu*”. Ele enfatizou que esse “pão” providenciado por Deus faria muito mais do que satisfazer sua fome física, como Ele fez ao alimentá-los, de forma milagrosa. Isso satisfaria a fome espiritual, que é muito mais profunda, e preencheria o vazio espiritual que existe em todo ser humano.

A Festa de Pentecostes: Os Primeiros Frutos da Colheita de Deus

No processo de revelação de Seu plano de salvação para a humanidade, Deus estabeleceu os Seus Dias Santos em torno das estações de colheitas no Oriente Médio (Levítico 23:9-16; Êxodo 23:14-16). Tal como o Seu povo realizava suas colheitas durante essas épocas festivas, assim os Dias Santos de Deus nos mostram como Ele está colhendo pessoas para a vida eterna em Seu Reino.

Os Dias Santos estão intrinsecamente ligados quanto ao seu significado. E, juntos, eles revelam gradualmente como Deus trabalha com a humanidade.

Inicialmente, vimos a Páscoa simbolizando a entrega de Cristo por nós para perdão de nossos pecados. Também aprendemos como os Dias dos Pães Asmos nos ensinam que temos de remover e evitar o pecador em nossas ações e atitudes. O Dia Santo que se segue, Pentecostes, está fundamentado nesse importante entendimento.

Essa festa é conhecida por diversos nomes, que são derivados de seu significado e cálculo [isto é, a necessidade de se fazer uma contagem para chegar nesse dia].

Ela é conhecida como Festa da Segra (Êxodo 23:16), porque representa os primeiros frutos (Números 28:26) colhidos como resultado do trabalho da colheita de cereal da Primavera na antiga Israel (Êxodo 23:16).

E também se chama Festa das Semanas (Êxodo 34:22), em virtude de se contar sete semanas mais um dia (cinquenta dias ao todo) para se determinar a celebração desta festa (Levítico 23:16). Semelhantemente, no Novo Testamento, que foi escrito em grego, ela é conhecida por Pentecostes (*Pentekostos* no original), que significa “quingagésimo” (“Pentecostes”, Dicionário Expositivo Completo das Palavras do Antigo e do Novo Testamento de Vine).

Entre os judeus o nome mais popular festa é Festa das Semanas, ou *shavuot*, em hebraico. a maioria do povo judeu, ao celebrar essa festa, lembra-se de um dos maiores acontecimentos da história: a revelação da lei de Deus no Monte Sinai.

Mas Pentecostes não significa somente a entrega da lei, pois também mostra—através de um grande milagre ocorrido na primeira celebração de Pentecostes da Igreja primitiva—*como manter a intenção espiritual das leis de Deus*.

O dom do Pentecostes: o Espírito Santo

Deus escolheu o primeiro Pentecostes, depois da ressurreição de Jesus

Cristo, para derramar o Espírito Santo sobre cento e vinte fiéis (Atos 1:15). “Cumprindo-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar; e, de repente, veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados. E foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles. E todos foram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem” (Atos 2:1-4).

O milagre de falar em línguas ocorreu quando havia uma multidão de pessoas em Jerusalém, e cada visitante ouviu o sermão dos discípulos em sua própria língua (versículos 6-11). Aquele espantoso acontecimento demonstrava a presença do Espírito Santo.

A princípio, as pessoas que testemunharam aquele fenômeno milagroso ficaram estupefatas, e algumas atribuíram isso a uma possível embriaguez daqueles cristãos (Atos 2:12-13). Então, corajosamente e cheio do Espírito Santo, o apóstolo Pedro explicou à multidão que aquilo tinha a ver com um cumprimento da profecia de Joel: “E há de ser *que*, depois, derramarei o Meu Espírito sobre toda a carne” (Atos 2:17; Joel 2:28).

Pedro explicou como os seus ouvintes também poderiam receber esse Espírito: “E disse-lhes Pedro: Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para perdão dos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo. Porque a promessa vos diz respeito a vós, a vossos filhos e a todos os que estão longe: a tantos quantos Deus, nosso Senhor, chamar” (Atos 2:38-39).

Deus utilizou esses milagres e o sermão de Pedro para acrescentar três mil pessoas à Sua Igreja em um só dia. Todos esses conversos foram batizados e receberam o Espírito Santo (versículos 40-41). A partir desse ponto crucial, o Espírito de Deus passou a estar disponível a todos aqueles que, verdadeiramente, se arrependam e sejam devidamente batizados. O Dia de Pentecostes é uma lembrança anual de que Deus derramou o Seu Espírito para estabelecer a Sua Igreja, um grupo de fiéis guiados pelo Seu Espírito.

Por que precisamos do Espírito de Deus?

Humanamente falando, nós ainda pecamos e não importa o quanto nos esforcemos (1 Reis 8:46; Romanos 3:23). Ao reconhecer esta fraqueza inerente ao ser humano, Deus lamentou em Deuteronômio 5:29: “Quem dera que eles tivessem tal coração que me temessem e guardassem todos os meus mandamentos todos os dias, para que bem lhes fosse a eles e a seus filhos, para sempre!”.

Deus explica aqui que o problema da humanidade se encontra no *coração*. dão fato de conhecermos a lei não nos capacita a pensar como Deus. Ter pensamentos, atitudes e *ações* puras está além da compreensão e capacidade do homem sem um elemento adicional: o *Espírito de Deus*.

A maneira de pensar de Deus produz paz, alegria e cuidado para com os outros. Jesus elogiou um mestre religioso que citou corretamente a essência

da lei de Deus: “*Amarás ao Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de todo o teu entendimento e ao teu próximo como a ti mesmo*” (Lucas 10:27). Este homem citou Deuteronômio 6:5 e Levítico 19:18, que são dois livros do Pentateuco. Jesus aqui confirma que as escrituras do Antigo Testamento são baseadas nestes dois grandes princípios de amor (Mateus 22:40).

A essência da lei de Deus é amor (Romanos 13:8-10; 1 Tessalonicenses 4:9). Deus decretou os Seus mandamentos porque nos ama. Ao escrever

aos irmãos, que tinham o Espírito de Deus, João disse: “Nisto conhecemos que amamos os filhos de Deus: quando *amamos a Deus e guardamos os Seus mandamentos*. Porque *este é o amor de Deus: que guardemos os Seus mandamentos*; e os Seus mandamentos não são pesados” (1 João 5:2-3, ACF).

Porque o Espírito de Deus agora residia na Igreja, os seus membros podiam expressar amor genuíno. Jesus disse: “Um novo mandamento vos dou: *Que vos ameis uns*



É conhecido por Festa da Segra, porque representa os primeiros frutos colhidos em resultado do trabalho dos que completavam a colheita do cereal da Primavera no Israel da antiguidade.

aos outros; como eu vos amei a vós . . . Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (João 13:34-35). O dom do Espírito Santo de Deus no Dia de Pentecostes tornou possível à Igreja expressar completamente os mandamentos de amor de Deus.

Jesus Cristo: as primícias da vida eterna

Os primeiros frutos (as primícias) são os primeiros produtos agrícolas a crescer e a amadurecer. Ao longo da Bíblia, Deus usa a analogia das colheitas —e, particularmente, em Pentecostes, as primícias—para ilustrar aspectos do Seu plano de salvação. Israel celebrava este dia ao findar a Primavera, depois das segas da cevada e do trigo. Uma oferta especial das primícias de cevada amadurecida durante os Dias dos Pães Asmos, chamada o molho da oferta movida, marcava o início dessas ceifas, as quais continuavam durante os cinquenta dias seguintes até Pentecostes (Levítico 23:11). Essa colheita

primaveril era a dos primeiros frutos do ciclo anual agrícola.

No Novo Testamento, uma das primeiras lições dessas colheitas é a de que Jesus Cristo “ressuscitou dos mortos e foi feito *as primícias* dos que dormem” (1 Coríntios 15:20). O *molho da oferta movida* representava Jesus Cristo, que foi o “*primogênito de toda a criação*” e o “*primogênito dentre os mortos*” (Colossenses 1:15, 18). Ele apresentou-se a Deus Pai, como um tipo ou modelo *das primícias* no domingo depois de Sua ressurreição; no mesmo dia, durante os Dias dos Pães Asmos, em que as primícias da cevada madura, da sega da primavera, eram movidas perante Deus.

Cedo, no primeiro dia da semana (na manhã de domingo), quando ainda estava escuro, e Jesus já havia ressuscitado, Maria Madalena foi ao sepulcro, e viu que a pedra que bloqueava a entrada fora retirada (João 20:1). Ela correu e foi informar a Pedro e a João que Jesus não mais estava no túmulo. Estes dois homens correram para a tumba e verificaram que Jesus desaparecera (João 20:2-10). Depois que Pedro e João foram embora, Maria Madalena continuou do lado de fora do sepulcro de Jesus (versículo 11). Enquanto ela chorava, Jesus apareceu-lhe, mas não permitiu que O tocassem, porque Ele “ainda não tinha subido” ao Pai (João 20:17).

Mais tarde, no mesmo dia, Jesus apareceu novamente. Desta vez, Ele permitiu que algumas mulheres O tocassem (Mateus 28:9). As Suas próprias palavras demonstram que, entre o tempo em que foi visto por Maria Madalena e o tempo em que permitiu que as mulheres O tocassem, Cristo ao céu para ser aceito pelo Pai.

Assim, a cerimônia do molho da oferta movida, que Deus deu à antiga Israel, representa a aceitação de Jesus Cristo por Seu Pai como “*as primícias dos que dormem*” (1 Coríntios 15:20).

A Igreja como as primícias

Lemos em Romanos 8:29 que Jesus Cristo é “*o primogênito entre muitos irmãos*”. Contudo, a Igreja do Novo Testamento *também* é considerada primícias. Ao falar sobre o Pai, Tiago disse: “Segundo a Sua vontade, Ele nos gerou pela palavra da verdade, para que fôssemos *como primícias* das Suas criaturas” (Tiago 1:18).

O Espírito de Deus em nós é que nos identifica e nos santifica—separando-nos como cristãos. Paulo escreveu: “*Se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dEle*”, e “*Porque todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus*” (Romanos 8:9,14).

Paulo também se refere aos irmãos como aqueles que têm “*as primícias do Espírito*” (versículo 23). Ele alude a diversos cristãos do primeiro século como as primícias do chamado de Deus (Romanos 16:5; 1 Coríntios 16:15).

A importância de os escritores da Bíblia chamarem essas pessoas de primícias de Deus torna-se evidente quando analisamos João 14:6. Nesta passagem, Jesus disse: “Eu Sou o caminho, e a verdade, e a vida. *Ninguém vem ao Pai senão por Mim*”.

Através dos séculos, quantas pessoas realmente aceitaram e praticaram o caminho de vida que Jesus Cristo ensinou? Até hoje, grande parte da humanidade simplesmente ouviu falar pouco ou quase nada sobre Jesus Cristo.. Então como Deus vai oferecer a salvação a essas pessoas?

Poucas pessoas compreendem que Deus tem um plano metódico, simbolizado pelos Seus Dias Santos, para salvar *toda* a humanidade, oferecendo a *todos* a vida eterna em Seu Reino. Nesta era, estamos apenas *no princípio* da colheita para o Reino de Deus.

O apóstolo Paulo compreendia isso: “Mas, agora, Cristo ressuscitou dos mortos e foi feito *as primícias* dos que dormem . . . Porque, assim como todos morrem em Adão, *assim também todos serão vivificados em Cristo*. Mas *cada um por sua ordem*: Cristo, as primícias; depois, os que são de Cristo, na sua vinda” (1 Coríntios 15:22-23). Quem for chamado e escolhido por Deus agora vai fazer parte das *primícias* de Deus com Cristo (Tiago 1:18).

A Bíblia diz que *Deus é quem chama as pessoas* (João 6:44; 6:65). Por conseguinte, o nosso Criador *controla o tempo* de Sua colheita. Quando Deus fundou a Sua Igreja, entregando o Seu Espírito a alguns crentes no dia de Pentecostes, cinquenta dias após a ressurreição de Jesus, Ele estava expandindo a Sua colheita espiritual. Era o início daquilo que Joel profetizou, ou seja, de que Deus derramaria o Seu Espírito em “toda a carne” (Joel 2:28-29; Atos 2:14-17).

O Espírito Santo em ação

A vinda do Espírito Santo mudou dramaticamente a vida dos primeiros cristãos. O livro de Atos está repleto de registros do notável impacto espiritual na sociedade ao redor da Igreja primitiva. A transformação foi tão evidente que os incrédulos acusavam os cristãos de “alvorçar o mundo” (Atos 17:6). Isso demonstra como era miraculoso e dinâmico o poder do Espírito Santo.

Para captar completamente o quanto o Espírito de Deus pode atuar em nós, temos que compreender o que é o Espírito Santo. Ele *não é* uma pessoa que, juntamente com Deus Pai e o Filho Jesus Cristo, formam uma “Santa Trindade”. Nas Escrituras o Espírito Santo é descrito como o *poder* de Deus atuando em nossas vidas (Atos 1:8; Romanos 15:13, 19), sendo o mesmo poder que atuou no ministério de Jesus Cristo (Lucas 4:14; Atos 10:38).

Esse poder divino faz com que sejamos “guiados pelo Espírito de Deus” (Romanos 8:14). E foi esse mesmo poder que transformou as vidas dos primeiros cristãos e é o poder que atua na Igreja hoje. Paulo disse a Timóteo que o Espírito de Deus é o “*espírito de . . . poder e de amor e de moderação*” (2 Timóteo 1:7, ARA).

O Pentecostes tem a função de lembrar, anualmente, que o nosso Criador ainda opera milagres, concedendo o Seu Espírito aos primeiros frutos de Sua colheita espiritual, e fortalecendo-os com poder para continuar a Sua obra neste mundo.

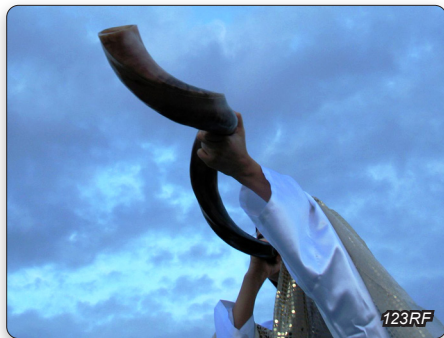
A Festa das Trombetas: Um Ponto Crítico na História

A Festa das Trombetas dá início às festas do outono—e representa o culminar da presente era do homem e o início de uma época fantástica durante a qual Deus vai agir de forma muito mais direta nos eventos mundiais. As festas anteriores constituem respostas pessoais às obras de Deus nas pessoas que Ele chama e escolhe. Mas o Dia das Trombetas anuncia formalmente a intervenção de Deus nos assuntos da humanidade a nível global. A Festa das Trombetas representa um ponto crítico na história mundial.

Esta festa também marca em particular o princípio da terceira e última temporada festiva (Êxodo 23:14; Deuteronômio 16:16), a qual inclui os últimos quatro Dias Santos do ano.

O regresso de Jesus Cristo!

A Festa das Trombetas representa nada mais nada menos do que o



Naquele dia um chifre oco de carneiro, conhecido como um shofar, era usado para transmitir mensagens importantes.

regresso de Jesus Cristo à Terra, para instaurar o Reino de Deus! O livro de Apocalipse revela a sequência de acontecimentos chocantes na Terra, representados por anjos soando uma série de sete trombeta. O toque do sétimo e último anjo significa que “os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do seu Cristo” (Apocalipse 11:15). O regresso de Jesus Cristo é o último e mais significativo acontecimento associado com o toque profético das trombetas. Sem dúvida, de todas as profecias da Bíblia esta anuncia a notícia mais animadora para este mundo cansado e cheio de pecado!

A Festa das Trombetas também marca o cumprimento futuro de muitas profecias do Antigo Testamento, que falam sobre a vinda de um Messias como rei para reger com poder e autoridade. O conceito de um Messias conquistador estava na mente dos apóstolos, logo após à ressurreição de Jesus. Quando Ele apareceu-lhes naqueles primeiros dias, eles fizeram-Lhe perguntas, tais como: “Senhor, restaurarás tu neste tempo o reino a Israel?” (Atos 1:6).

Mesmo no Seu ministério terreno, Jesus Cristo falou distintamente sobre

Sua primeira e segunda vinda. Quando Pôncio Pilatos, governador da Judeia, interrogou-O antes da crucificação, Jesus disse claramente que não veio para governar naquela época.

Jesus disse a Pilatos: “O meu Reino não é deste mundo; se o meu Reino fosse deste mundo, lutariam os meus servos, para que eu não fosse entregue aos judeus; mas, agora, o meu Reino não é daqui.” Disse-lhe, pois, Pilatos: Logo tu és rei? Jesus respondeu: “Tu dizes que eu sou rei. *Eu para isso nasci e para isso vim ao mundo*, a fim de dar testemunho da verdade” (João 18:36-37).

Depois da ressurreição de Jesus Cristo, os apóstolos falaram com emtu-siamo sobre o cumprimento das promessas de Jesus. Eles conheciam as profecias messiânicas como a de Isaías, que descreve de um tempo durante o qual “o principado [o governo] está sobre os Seus ombros” e “do incremento deste principado [deste governo] e da paz, não haverá fim” (Isaías 9:6-7).⁰

Respondendo à pergunta dos apóstolos quando perguntado se estabeleceria dentro em breve o Reino, Jesus disse-lhes: “Não vos pertence saber os tempos ou as estações que o Pai estabeleceu pelo seu próprio poder” (Atos 1:7). Todavia, Cristo disse-lhes para se concentrarem na propagação do evangelho—a boa nova—em todo o mundo. Mais tarde, em seu devido tempo, os apóstolos perceberam que a segunda vinda de Cristo não seria iminente. Muitas as escrituras descrevem a ansiedade dos santos por aguardar o regresso de Cristo.

Por que usar o simbolismo de Trombetas?

A emoção desse Dia Santo, que retrata acontecimentos monumentais, é captada no simbolismo dessa festa. A antiga Israel a festejava com “uma reunião sagrada, celebrada com *toques de trombeta*” (Levítico 23:24, NVI).

Qual é o significado dos sons dramáticos que acompanham a observância deste dia? Para nos ajudar a entender o simbolismo das trombetas, vamos analisar o uso desse instrumento musical na Bíblia..

Deus instruiu a antiga Israel a usar corretamente as trombetas—naquele dia, um chifre oco de um animal, conhecido como *shofar*—para comunicar mensagens importantes. Um toque de uma trombeta de prata significava um chamado à reunião para os líderes de Israel. E dois toques eram para reunir todas as pessoas (Números 10:3-4). Deus também usou um shofar para anunciar seu encontro com Israel quando desceu ao Monte Sinai (Êxodo 19:16).

Trombetas também podiam soar como um aviso. Números 10:9 declara: “Quando na vossa terra sairdes a pelejar contra o inimigo, que vos aperta, também tocareis as trombetas”. Neste caso, as trombetas significavam um aviso de perigo e guerra iminente.

As trombetas também podiam ter um som festivo: “Semelhantemente, no dia da vossa alegria, e nas vossas solenidades, e nos princípios dos vossos meses, também tocareis as trombetas . . . e vos serão por lembrança perante vosso Deus” (Números 10:10).

Na antiguidade, por sua capacidade de transmitir sons a grandes distâncias, os trombetas eram excelentes instrumentos para atrair a atenção das pessoas. Em conexão com essa festa, o Salmo 81:3 exorta: “Tocai a trombeta na Festa da Lua Nova, na lua cheia, dia da nossa festa” (ARA).

Ampliando o significado das trombetas

Os escritores do Novo Testamento trouxeram mais compreensão ao significado do toque das trombetas. Vejamos o que diz Paulo acerca do regresso de Jesus Cristo: “*Porque o mesmo Senhor descera do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro; depois, nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares*” (1 Tessalonicenses 4:16-17).

Paulo também falou do dia em que as primícias, representado por Pentecostes, ressuscitarão para a imortalidade. Em 1 Coríntios 15:52 ele diz que isso irá acontecer: “Num momento, num abrir e fechar de olhos, *ante a última trombeta; porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados*” (1 Coríntios 15:52). Assim, o som impetuoso dessa última trombeta vai despertar os mortos!

Ainda que a festa das Trombetas não seja mencionada pelo nome no Novo Testamento, não temos um motivo plausível para não guardar esse Dia Santo. Pelo contrário, a Igreja primitiva usou as escrituras hebraicas para fundamentar a doutrina (2 Timóteo 3:16). Assim como com os Dez Mandamentos (Tiago 2:10-11), cada uma das festas estão íntima e intrinsecamente relacionadas entre si. Quando as observamos, conseguimos compreender o desenvolvimento do notável plano de Deus para a humanidade. Não devemos ignorar nenhum de Seus Dias Santos.

O ensinamento profético de Jesus.

Próximo do fim do ministério terreno de Cristo, os apóstolos perguntaram-Lhe sobre o fim desta era. Em Mateus 24:3 lemos: “No monte das Oliveiras, achava-se Jesus assentado, quando se aproximaram dele os discípulos, em particular, e Lhe pediram: Dize-nos quando sucederão estas coisas e que sinal haverá da tua vinda e da consumação do século” (ARA).

Anteriormente, Daniel tinha profetizado sobre o estabelecimento do Reino de Deus e como os santos, o povo de Deus, herdaria esse reino (Daniel 2:44; 7:18). Daniel, como também os apóstolos, não entendeu quando esse Reino viria.

Jesus, na Sua resposta a Seus discípulos, explicou sobre uma série de eventos que aconteceriam até Seu retorno. Ele mencionou engano religioso, guerras, fomes, doenças, terremotos e outras calamidades (Mateus 24:4-13). Ele caracterizou o tempo de Seu retorno como uma era de ódio e anarquia. Neste cenário, Jesus disse: “Este *evangelho do reino* será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as nações, e então virá o fim” (versículo 14).

Detalhes adicionais do livro de Apocalipse

Mais tarde Jesus Cristo revelou muitos mais detalhes acerca desse importante assunto. O livro de Apocalipse é descrito como a “Revelação *de Jesus Cristo*, a qual Deus lhe deu para mostrar aos seus servos as *coisas* que brevemente devem acontecer” (Apocalipse 1:1). Aqui, através do apóstolo João, Cristo relata novamente os mesmos acontecimentos que descrevera a Seus discípulos décadas atrás. Porém, agora Jesus usa o simbolismo da abertura gradual de vários selos (Apocalipse 6).

Depois disso, ao começar a ira de Deus contra as nações desobedientes, Jesus profetizou o derramamento de sete pragas sobre o mundo pecaminoso, anunciando cada uma ao som de uma trombeta (Apocalipse 8-9). E, enfim, Deus enviará duas “testemunhas”, ou “profetas”, para proclamar a Sua verdade a um mundo rebelde (Apocalipse 11). Esse testemunho profético é comparado a um aviso ao som da trombeta (Isaías 58:1). Tragicamente, esta sociedade ímpia rejeitará e matará esses dois servos de Deus (versículos 7-10).

Esses acontecimentos dramáticos preparam o caminho para que o sétimo anjo soe a trombeta e Jesus Cristo regresse e assuma o governo de toda a Terra (Apocalipse 11:15).

Sobre esse mesmo cenário, Mateus 24 diz que “logo depois da aflição daqueles dias, o sol escurecerá, e a lua não dará a sua luz, e as estrelas cairão do céu, e as potências dos céus serão abaladas. Então, aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem; e todas as tribos da terra se lamentarão e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória. E ele enviará os seus anjos *com rijo clamor de trombeta*, os quais ajuntarão os seus escolhidos desde os quatro ventos, de uma à outra extremidade dos céus” (versículos 29-31).

Acontecimentos sem precedentes no regresso de Cristo

Inacreditavelmente, quando Jesus Cristo regressar ao Monte das Oliveiras, em Jerusalém, as nações da Terra vão se reunir para combatê-Lo (Zacarias 14:1-4). Apocalipse 19:19 descreve essa iminente batalha: “E vi a besta, e os reis da terra, e os seus exércitos reunidos, para *fazerem guerra* àquele [Jesus Cristo] que estava assentado sobre o cavalo e ao seu exército”.

Por que vão querer lutar contra o Messias? Os exércitos tentarão destruir Cristo *porque Satanás enganou todo o mundo* (Apocalipse 12:9). A influência do diabo vá instigar as nações a lutarem contra Cristo, assim que Ele regressar.

E também acontecerá que no momento do retorno de Cristo Seus fiéis seguidores serão ressuscitados para a imortalidade. Em Apocalipse 20:5 isso é descrito como a “primeira ressurreição”, que é também uma “ressurreição melhor” (Hebreus 11:35). Essa transformação a uma vida imortal era a esperança dos primeiros cristãos e continua sendo a ardente esperança de quem entende o plano de Deus.

Na epístola aos romanos, Paulo descreve essa ressurreição como uma gloriosa libertação da escravidão: “Porque a ardente expectativa da criatura [da criação] espera a manifestação dos filhos de Deus...na esperança de que também a mesma criatura [criação] será libertada da servidão da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus (Romanos 8:21)...E não só *ela* [a criação], mas nós mesmos, que temos as primícias do Espírito, também gememos em nós mesmos, esperando a adoção, a saber, a redenção do nosso corpo” (Romanos 8:19, 21, 23).

Vemos que, apesar dos trágicos eventos que virão, a boa nova é que Deus intervirá para salvar a humanidade e guiá-la para o Seu abundante caminho de vida.

Jesus Cristo voltará para ressuscitar Seus seguidores e para estabelecer o governo perfeito de Deus sobre a Terra. Esse é o maravilhoso e inspirador significado da Festa das Trombetas. Cristo nos ensinou a orar “venha o Teu reino” (Mateus 6:10). E, certamente, precisamos urgentemente da resposta dessa oração!

O Dia da Expição:

A Remoção da Causa do Pecado e a Reconciliação com Deus

J á vimos—através do simbolismo da Páscoa—que o sangue derramado por Cristo expia nossos pecados passados. Na verdade a expiação é um ato de reconciliação. O Dia da Expição simboliza a reconciliação de Deus para com toda a humanidade.

Se estivermos reconciliados com Deus, através do sacrifício de Cristo, por que precisamos de outro Dia Santo para nos instruir sobre a reconciliação? Se já estamos reconciliados, qual a necessidade de jejuar, como é ordenado no Dia da Expição? (Levítico 23:27; Atos 27:9). Qual é o significado especial deste dia no plano mestre de Deus para a salvação da humanidade?

O Dia da Expição e a Páscoa nos ensinam acerca do perdão dos pecados e da nossa reconciliação com Deus através do sacrifício de Cristo. Entretanto, a Páscoa representa a redenção do primogênito e, portanto, aplica-se mais diretamente aos cristãos, que Deus chamou nesta era, enquanto o Dia da Expição tem implicações universais.

Além disso, o Dia da Expição representa um passo adicional e essencial no plano de salvação de Deus, que não se encontra no simbolismo da Páscoa. Este passo *ocorre* antes da humanidade desfrutar da verdadeira paz na Terra. Todos nós sofremos com as trágicas consequências do pecado. Mas o pecado não acontece sem causa, e Deus mostra, claramente, essa causa no simbolismo associado com o Dia da Expição.

Satanás: o autor do pecado

O Dia da Expição não envolve apenas o perdão dos pecados. Ele também representa a remoção da *principal causa* do pecado—Satanás e os seus demônios. Enquanto Deus não retirar o principal instigador do pecado, a humanidade continuará caindo em desobediência e sofrimento. Embora a nossa natureza humana tenha seu papel em nossas falhas, o diabo, Satanás, é quem tem mais responsabilidade nisso, pois nos instiga a desobedecer a Deus.

Apesar de muitos duvidarem da existência do diabo, a Bíblia revela que Satanás é um ser poderoso e invisível e que pode influenciar *toda* a humanidade. Apocalipse 12:9 diz que a sua influência é tão grande que ele “*engana todo o mundo.*”

O diabo consegue cegar as pessoas quanto ao entendimento da verdade de Deus. Assim o apóstolo Paulo explica aos coríntios: “Mas, se ainda o nosso evangelho está encoberto, para os que se perdem está encoberto, nos quais

o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que não lhes resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus” (2 Coríntios 4:3-4).

Paulo também nos ensina que Satanás influenciou todo o ser humano a trilhar o caminho da desobediência. Ele diz o seguinte acerca daqueles que foram chamados para a Igreja: “Noutro tempo, andastes, segundo o curso deste mundo, segundo o *príncipe das potestades do ar*, do espírito que, agora, opera nos filhos da desobediência” (Efésios 2:2). Paulo avisa os coríntios que Satanás pode apresentar-se como alguém justo: “Não é maravilha, porque o próprio Satanás se transfigura em anjo de luz. Não é muito, pois, que os seus ministros se transfigurem em ministros da justiça; o fim dos quais será conforme as suas obras” (2 Coríntios 11:14-15).

Jesus Cristo declara abertamente que Satanás trouxe o pecado e a rebelião ao mundo. Em João 8:44 Cristo afirmou *àqueles* que eram contra Seu ensinamento: “Vós tendes por pai ao diabo e quereis satisfazer os desejos de vosso pai; *ele foi homicida desde o princípio* e não se firmou na verdade, porque não há verdade nele; quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira”.

Através dessas escrituras vemos o poder e a influência de Satanás. Paulo adverte sobre os métodos enganosos do diabo: “Temo que, assim como a serpente enganou Eva com a sua astúcia, assim também sejam de alguma sorte corrompidos os vossos sentidos *e se apartem* da simplicidade que há em Cristo” (2 Coríntios 11:3).

Os cristãos que batalham continuamente para resistir a Satanás e parar de pecar travam uma *batalha espiritual* contra o diabo e seus demônios. Paulo disse: “Nós não estamos lutando contra seres humanos, mas contra as *forças espirituais do mal que vivem nas alturas*, isto é, os governos, as autoridades e os poderes que dominam completamente este mundo de escuridão” (Efésios 6:12 BLH).

Aqui, Paulo explica que Jesus Cristo nos livrará da influência do Maligno (versículos 13-18). Evidentemente, Deus é muitíssimo mais poderoso que Satanás, mas temos que fazer nossa parte *resistindo ativamente* ao diabo e à influência da carne. O Dia da Expição aponta para um tempo futuro em que Satanás será derrotado e nunca mais poderá influenciar e enganar a humanidade (Apocalipse 20:1-3).

O simbolismo no Antigo Testamento

Levítico 16 mostra Deus instruindo a antiga Israel a observar o Dia da Expição. Embora os cristãos não precisem oferecer sacrifícios de animais, este capítulo amplia consideravelmente o nosso entendimento do plano de Deus.

Observe que o sacerdote selecionava *dois* bodes para uma oferta de pecado, e apresentava-os perante o SENHOR (versículos 5,7). Arão, o sumo-sacerdote, lançava sortes sobre os dois bodes para selecionar um “para o SENHOR”,

o qual era oferecido em sacrifício (versículos 8-9). Este bode representava Jesus Cristo, que viria a ser morto para pagar a pena por nossos pecados.

O outro bode tinha um fim completamente diferente: “Mas o bode sobre que cair a sorte para ser bode emissário apresentar-se-á vivo perante o SENHOR, para fazer expiação com ele, para enviá-lo ao deserto como bode emissário” (versículo 10). Repare-se que este bode *não era morto*. O sumo-sacerdote “porá ambas as mãos sobre a cabeça do bode vivo e sobre ele confessará todas as iniquidades dos filhos de Israel e todas as suas transgressões, segundo todos os seus pecados; e os porá sobre a cabeça do bode e enviá-lo-á ao deserto, pela mão de um homem designado para isso. Assim, aquele bode levará sobre si todas as iniquidades deles à terra solitária; e o homem enviará o bode ao deserto” (versículos 21-22).

O sacerdote escolhia por sorte o “bode emissário”, ou *Azazel*, que



é o termo usado nos manuscritos originais em hebraico. Muitos eruditos identificam *Azazel* como sendo o nome de um demônio que habita no deserto (O *Dicionário Bíblico do Intérprete* [Interpreter's Dictionary of the Bible,] Vol. 1, p. 326). O bode *Azazel* representa Satanás, responsável pelos pecados da humanidade (versículo 22), pois ele é quem engana e induz a humanidade ao erro.

O sacerdote selecionava dois bodes para oferta pelo pecado para as pessoas, dos quais um bode era escolhido por sorteio para ser oferecido como um sacrifício.

O sumo-sacerdote impunha as mãos sobre esse bode e confessava sobre ele a maldade, a rebelião e os pecados do povo. Por que fazia isso? Porque, como atual governante do mundo, o diabo é responsável pela perversidade de seduzir e coagir a humanidade ao pecado. “O envio do bode com todos os pecados sobre ele...significava a remoção completa dos pecados do povo, entregando-os, por assim dizer, ao espírito maligno a quem pertenciam” (O *Comentário Bíblico Volume Único* [The One Volume Bible Commentary,] p. 95).

Um bode expiatório, no linguajar moderno, refere-se a alguém acusado inocentemente por erros de outros. Portanto, esse termo não pode ser aplicado adequadamente a Satanás, o diabo, em seu sentido atual, não é um bode expiatório. Satanás não está sendo culpado *injustamente* pelos pecados, pois ele é *justamente* responsável por induzir a humanidade

ao erro ao longo de milhares de anos de história.

O simbolismo do bode vivo é semelhante ao destino de Satanás e seus demônios, os quais Deus tirará de suas posições de poder *ao iniciar* o reino milenar de Jesus Cristo sobre as nações. O livro de Apocalipse descreve esse acontecimento: “E vi descer do céu um anjo que tinha a chave do abismo e uma grande cadeia na sua mão. Ele prendeu o dragão, a antiga serpente, que é o diabo e Satanás, e amarrou-o por mil anos. E lançou-o no abismo, e ali o encerrou, e pôs selo sobre ele, para que mais não engane as nações, até que os mil anos se acabem” (Apocalipse 20:1-3).

Assim, o diabo e os seus demônios, que durante milhares de anos induziram a humanidade a todo tipo de perversidade imaginável, serão levados a um lugar de isolamento (versículo 3). A total reconciliação mundial com Deus não poderá ocorrer enquanto a fonte de tanta transgressão e sofrimento—Satanás—não for removida.

A atual implicação dessa festa

Agora veja as instruções específicas sobre quando e como se guardar essa festa. Deus diz: “Aos dez deste mês sétimo, *será* o Dia da Expição; tereis santa convocação, e *afligireis a vossa alma...*” (Levítico 23:27).

Como Ele “aflige a sua alma” nesse dia? *Afligir* deriva do hebraico *anah*, que significa “ser afligido, ser abatido, ser humilde, ser manso” (*Dicionário Expositivo Completo das Palavras do Antigo e do Novo Testamento*, “Ser Humilde, Aflito” por Vine [*Vine’s Complete Expository Dictionary of Old and New Testament Words*, “To Be Humbled, Afflicted”]). A mesma palavra é usada em relação ao jejum, em Salmos 35:13 e Esdras 8:21. Jejuar significa abster-se de comida e bebida (Ester 4:16).

Por que Deus nos diz para jejuar especificamente durante vinte e quatro horas? O jejum expressa o nosso humilde desejo de nos *aproximar de Deus*. O Dia da Expição representa um tempo vindouro de reconciliação, depois de Satanás ter sido expulso e o mundo ter sido devastado por acontecimentos horríveis que levaram a essa situação, quando a humanidade humildemente arrependida, será finalmente reconciliada com Deus.

Poucos compreendem a razão correta do jejum. O jejum não é para atrair a atenção de Deus para nossos desejos. Não jejuamos para receber algo de Deus, exceto Sua abundante misericórdia e perdão pelas nossas fraquezas. O jejum ajuda-nos a lembrar quão temporária é a nossa existência física. Sem alimento e água, morreremos dentro de pouco tempo. O jejum nos ajuda a entender o quanto *realmente precisamos de Deus* como Criador e Sustentador da vida.

Devemos sempre jejuar no Dia da Expição com um *estado de espírito voltado ao arrependimento*. Observe a atitude exemplar de Daniel durante um jejum: “Eu dirigi o meu rosto ao Senhor Deus, para o buscar *com* oração, e rogos, e jejum, e pano de saco, e cinza. E orei ao SENHOR, meu Deus, e confessei” (Daniel 9:3-4).

A Igreja primitiva guardou o Dia da Expição. Mais de trinta anos depois da morte de Cristo, Lucas ainda se referia ao tempo e às estações mencionando esse dia, dizendo que “tendo-se tornado a navegação perigosa, e já passado o tempo do *Dia do Jejum*” (Atos 27:9, ARA). Quase todos os comentários e dicionários da Bíblia concordam que este “Jejum” se refere ao Dia da Expição.

Há ainda outra lição importante advinda do Dia da Expição. Vimos que o bode sacrificado representava o sacrifício de Jesus Cristo em nosso lugar, quem pagou a pena de morte por nós pelos nossos pecados. Mas Jesus Cristo não permaneceu morto; *Ele voltou à vida*. Então, o que nos ensina o Dia da Expição sobre o papel de Cristo *depois de Sua ressurreição*?

Levítico 16:15-19 descreve uma cerimônia solene que era realizada uma só vez ao ano no Dia da Expição. O sumo-sacerdote levava o sangue do bode degolado para o santuário—a parte mais sagrada do tabernáculo—e para o propiciatório. O propiciatório simbolizava o próprio trono do Deus Todo-Poderoso. O sumo-sacerdote exercia a função que Cristo realiza para os cristãos arrependidos. Cristo, tendo ascendido ao próprio trono de Deus pelo sangue do Seu sacrifício, intercede por nós—assim Ele tem feito desde a Sua ressurreição—*pois Ele é o nosso sumo-sacerdote*.

A epístola aos hebreus esclarece esse simbolismo. “Mas, vindo Cristo, o *sumo sacerdote* dos bens futuros, por um maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos, isto é, não desta criação [física], nem por sangue de bodes e bezeros, *mas por seu próprio sangue, entrou uma vez no santuário*, havendo efectuado uma eterna redenção” (Hebreus 9:11-12).

Em virtude do sacrifício de Cristo, nós temos acesso direto ao *verdadeiro propiciatório*—o trono do nosso misericordioso e amado Deus. Isto foi dramática e miraculosamente demonstrado no momento da morte de Cristo, quando “o véu do templo”, que impedia a entrada no Santíssimo Lugar [Santo dos Santos], “se rasgou em dois, de alto a baixo” (Mateus 27:51; Marcos 15:38). Esta pesada cortina da entrada do Santíssimo foi rasgada ao meio como um testemunho dramático do acesso que agora temos ao trono de Deus.

Em Hebreus, muitos versículos mencionam a função de Cristo como Sumo-sacerdote e intercessor. Devido ao Seu sacrifício por nós, agora podemos ir “*com confiança ao trono da graça, para que possamos alcançar misericórdia e achar graça, a fim de sermos ajudados em tempo oportuno*” (Hebreus 4:16). Assim, o Dia da Expição descreve a *reconciliação amorosa* que todas as pessoas podem ter com Deus através do sacrifício de Cristo. E também mostra a notável verdade de que Satanás, o autor do pecado, eventualmente será removido para que *toda* a humanidade possa finalmente alcançar a reconciliação com Deus.

O Dia da Expição serve como um passo preparatório e vital em antecipação ao marco seguinte do glorioso plano dos Dias Santos de Deus, representado de forma espetacular pela Festa dos Tabernáculos.

A Festa dos Tabernáculos: Jesus Cristo Reina sobre Toda a Terra

No seu primeiro sermão inspirado, depois de ter recebido o Espírito Santo no Dia de Pentecostes, o apóstolo Pedro resumiu a instrução de Deus para a humanidade dizendo: “Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, para que sejam apagados os vossos pecados, e venham, assim, *os tempos do refrigério* pela presença do Senhor. E envie ele a Jesus Cristo, que já dantes vos foi pregado, o qual convém que o céu contenha *até aos tempos da restauração de tudo*, dos quais Deus falou pela boca de todos os seus santos profetas, desde o princípio” (Atos 3:19-21).

Mas o que são esses “*tempos de refrigério*” e “*tempos de restauração*” de que falou Pedro?

O plano de Deus para a



Foto ilustração por: Shaun Venish/
Corel Professional Photos/PhotoDisc

Durante este período de 1.000 anos, Deus até mudará a natureza dos animais selvagens, reflectindo a paz que descerá sobre a sociedade.

humanidade inclui uma *restauração*. A Festa dos Tabernáculos simboliza o processo de restauração, o qual começa com o regresso de Jesus Cristo, representado pela Festa dos Tabernáculos, e a expulsão de Satanás, representada pelo Dia de Expição. Uma vez que ocorram estes eventos, como representados pelos Dias Santos anteriores, a base estará pronta para a restauração da paz e da harmonia com Deus.

Os sete dias da Festa dos Tabernáculos (Levítico 23:34-35) representam o reino de Jesus Cristo de mil anos sobre a Terra, depois de Sua segunda vinda (ver Apocalipse 20:4). Este período é chamado, muitas vezes, de *o Milênio*, que simplesmente significa “mil anos”.

Esta festa também reflete o “descanso” simbolizado pelo sábado semanal (Hebreus 4:1-11), que celebra a grande colheita da humanidade, quando

todas as pessoas então vivas aprenderão os caminhos de Deus. A humanidade finalmente será restaurada a um relacionamento correto com Deus (Isaías 11:9-10).

No princípio, Deus criou a humanidade para cooperar com Ele em um belo relacionamento caracterizado pelo amor, pela paz e pela obediência às Suas leis. Quando completou a Sua criação “viu Deus tudo quanto tinha feito, e eis que era muito bom” (Gênesis 1:31). Esse tempo de paz e harmonia terminou abruptamente por causa da intervenção de Satanás e da desobediência do homem (Gênesis 3:1-6). A desobediência afastou a humanidade do caminho de Deus (versículos 21-24). Assim a Bíblia descreve esse trágico incidente: “E viu o SENHOR que a maldade do homem se multiplicara sobre a terra e que toda imaginação dos pensamentos de seu coração era só má continuamente” (Gênesis 6:5).

O rompimento desse relacionamento entre Deus e o homem tem persistido através da história até hoje. Paulo refletiu sobre essa condição: “O pecado entrou no mundo por meio de um só homem [Adão], e o seu pecado trouxe consigo a morte. Como resultado, *a morte se espalhou por toda a raça humana porque todos pecaram*” (Romanos 5:12 BLH).

Paulo sabia que Jesus Cristo tinha fechado a brecha criada pela desobediência do homem: “Porque, assim como a morte *veio* por um homem [Adão], também a ressurreição dos mortos *veio* por um homem [Cristo]. Porque, assim como todos morrem em Adão, assim também *todos serão vivificados em Cristo*” (1 Coríntios 15:21-22).

Isaías profetizou a restauração do mundo

Deus usou o profeta Isaías para revelar partes do Seu magnífico plano para restaurar o mundo. O livro de Isaías foi escrito durante um tempo em que Israel sofria a punição por sua contínua desobediência e foi inspirado por Deus para dar encorajamento à nação através da promessa de um mundo melhor no futuro. Depois ler na sinagoga uma das profecias de Isaías, Jesus Cristo reconheceu que Isaías recebeu um entendimento especial: “Isaías disse isso quando viu a Sua glória e falou dEle” (João 12:41). Isaías não só profetizou do ministério de Cristo na terra, como também escreveu do regresso de Cristo em poder e glória (Isaías 66:15-16).

A base do governo messiânico de Jesus será a lei de Deus. Pois, assim Isaías profetizou: “E acontecerá, nos últimos dias, que se firmará o monte da Casa do SENHOR no cume dos montes e se exalçará por cima dos outeiros; e concorrerão a ele todas as nações. E virão muitos povos e dirão: Vinde, subamos ao monte do SENHOR, à casa do Deus de Jacó, para que nos ensine o que concerne aos seus caminhos, e andemos nas suas veredas; porque de Sião sairá a lei, e de Jerusalém, a palavra do SENHOR” (Isaías 2:2-3).

Um mundo de paz e abundância

Após regressar, Cristo fará com que a criação volte à sua total harmonia

com Deus, e paz jamais voltará a ser exceção. O rei Davi disse: “Muita paz têm os que amam a tua lei” (Salmos 119:165). Imagine-se como será o mundo quando todos souberem da lei de Deus e viverem de acordo com ela!

Evidentemente, será preciso mais do que conhecimento para se alcançar essa transformação. Uma *mudança espiritual* ocorrerá nas pessoas. Deus, falando por intermédio de Ezequiel, descreve como isso acontecerá: “E vos darei *um coração novo* e porei dentro de vós *um espírito novo*; e tirarei o coração de pedra da vossa carne e vos darei um coração de carne. E porei dentro de vós o meu espírito e farei que andeis nos meus estatutos, e *guardeis os meus juízos, e os observeis*” (Ezequiel 36:26-27).

O Espírito Santo influenciará as pessoas a obedecer, voluntária e entusiasticamente a Deus de todo o seu coração. Elas vão começar a se interessar mais pelas outras do que por elas próprias. Começarão a ver as outras pessoas como “superiores a si mesmo” (Filipenses 2:3). O seu objetivo será o de ajudar o seu semelhante em vez de cuidar do seu próprio interesse. Não haverá mais roubo. O desrespeito pela propriedade e os sentimentos dos outros vão acabar. E o mundo finalmente viverá em paz, porque as nações “converterão as suas espadas em enxadões e as suas lanças, em foices; *não levantará espada nação contra nação, nem aprenderão mais a guerrear*” (Isaías 2:4; Miquéias 4:3).

Durante esse período de mil anos, Deus mudará até a natureza dos animais selvagens, refletindo a paz que virá sobre a sociedade. Descrevendo esse tempo idílico, Isaías 11:7-9 diz: “A vaca e a urso pastarão juntas, e seus filhos juntos se deitarão; e o leão comerá palha como o boi. E brincará a criança de peito sobre a toca da áspide, e o já desmamado meterá a mão na cova do basilisco. Não se fará mal nem dano algum em todo o monte da Minha santidade...”

Revertendo os efeitos do pecado

Deus também vai curar as enfermidades físicas das pessoas. Isaías 35:5-6 profetiza sobre isto: “Então, os olhos dos cegos serão abertos, e os ouvidos dos surdos se abrirão...os coxos saltarão como cervos, e a língua dos mudos cantará.”

E o mais importante será a cura espiritual que acontecerá. Isaías profetiza que Jesus Cristo completará a cura que começou durante o Seu ministério na Terra: “O Espírito do SENHOR Deus está sobre mim, porque o SENHOR me ungiu para pregar boas-novas aos quebrantados, enviou-me a *curar os quebrantados de coração, a proclamar libertação aos cativos* e a pôr em liberdade os algemados; a apregoar o ano aceitável do SENHOR e o dia da vingança do nosso Deus; a *consolar todos os que choram e a pôr sobre os que em Sião estão de luto uma coroa em vez de cinzas, óleo de alegria, em vez de pranto, veste de louvor, em vez de espírito angustiado...*” (Isaías 61:1-3, ARA; Lucas 4:18-19). Os maus resultados acumulados por gerações que viveram nos caminhos pecaminosos de Satanás serão revertidos.

A festa dos Tabernáculos também se chama Festa da Colheita (Êxodo 23:16). Este nome significa a conclusão da colheita agrícola anual de Israel. Neste cenário disse Deus: “Vos alegrareis perante o SENHOR, vosso Deus” (Deuteronômio 12:12, 18; 14:26). Essa Festa é uma ocasião para celebrar a abundância dada por Deus.

Esse mesmo tema da generosa colheita continua na futura realização dessa festa. Através de Isaías, Deus diz que o deserto se tornará terra produtiva: “Águas arrebentarão no deserto, e ribeiros, no ermo. E a terra seca se transformará em tanques, e a terra sedenta, em mananciais de águas” (Isaías 35:6-7).

Nessa altura a terra produzirá abundantes colheitas. “Eis que vêm dias, diz o SENHOR, em que o que lava alcançará ao que sega, e o que pisa as uvas, ao que lança a semente; e os montes destilarão mosto, e todos os outeiros se derreterão” (Amós 9:13).



O significado de tabernáculos

O nome Festa dos Tabernáculos deriva da ordem que Deus deu à antiga Israel para erguer “tabernáculos” temporários, às vezes chamados de “barracas” ou “cabanas”, para viverem durante a festa. Os israelitas deixavam as suas casas e construíam residências temporárias (do hebraico *succah* que significa “barraca de ramos entre-

Nessa altura a terra produzirá abundantes colheitas. “Eis que vêm dias, diz o Senhor, em que o que lava alcançará ao que sega...”

laçados”) para nelas residirem enquanto festejavam perante Deus. Isto recordava-lhes de sua libertação da escravidão e de quando viveram em tendas quando Deus os tirou do Egito (Levítico 23:34, 41-43). Contrastando completamente com o sofrimento da escravidão essa festa ressalta o descanso, a paz e a prosperidade ao satisfazer as necessidades do povo, inclusive de estrangeiros, viúvas e pobres.

A Bíblia realça que, tal como as cabanas ou residências temporárias, a nossa vida física é transitória. Os registros do apóstolo Paulo refletem esse tema: “Porque sabemos que, se a nossa casa terrestre *deste* tabernáculo se desfizer, temos de Deus *um* edifício, uma casa não feita por mãos, eterna, nos céus. E, por isso, também gememos, desejando ser revestidos da nossa habitação, que é do céu” (2 Coríntios 5:1-2).

O livro de Hebreus relata exemplos de muitos servidores fiéis de Deus através dos séculos, e conclui: “Todos estes morreram na fé, sem terem rece-

bido as promessas, mas, vendo-as de longe, e crendo *nelas*, e abraçando-as, confessaram que eram *estrangeiros e peregrinos na terra*” (Hebreus 11:13).

A Festa dos Tabernáculos é uma lembrança anual do nosso estado temporário e de que também nós “buscamos uma pátria” (versículo 14). Esta lição é reforçada quando viajamos para algum local da Festa dos Tabernáculos e celebramos o festival em habitações temporárias como hotéis e acampamentos.

Essa festa nos lembra que, independente de nossas posses materiais, ainda somos mortais com uma necessidade de ser transformados para obter a vida eterna (1 Coríntios 15:50-54).

Nos registros da visão conhecida por “transfiguração,” Jesus deu um vislumbre do Reino de Deus a Pedro, Tiago e João. Cristo apareceu em glória e falava com Moisés e Elias. A reação imediata de Pedro foi sugerir que fossem feitos rapidamente três tabernáculos (cabanas). Tudo indica que ele compreendeu a importância da ligação entre tabernáculos e a nossa busca pela vida eterna no Reino de Deus (ver Mateus 17:1-9; Lucas 9:27-36).

A função no Milênio dos santos ressuscitados

O julgamento dos habitantes da Terra que vão viver durante os mil anos, como retrata a Festa dos Tabernáculos, (Isaías 2:4; 51:4-5) começará logo após Cristo trazer “muitos filhos à glória” (Hebreus 2:10). Estas escrituras mostram que esse julgamento é um tempo de *oportunidade universal* para salvação. Por isso, Deus determinou mil anos em que os santos ressuscitados, as primícias da colheita de Deus, reinarão com Cristo na Terra como reis e sacerdotes para que muitos outros possam entrar no Reino de Deus (Apocalipse 5:10; 20:6).

Jesus prometeu que “ao que vencer e guardar até ao fim as minhas obras, eu lhe darei *poder sobre as nações*” (Apocalipse 2:26). Aqueles que Deus ressuscitar, no regresso de Cristo, terão a estupenda oportunidade de trabalhar com Ele para ajudar todas as nações a desenvolverem um relacionamento com Deus. (Para mais detalhes, solicite nosso guia de estudo bíblico gratuito *Qual é o Seu Destino?*).

A base para essa relação começa com a instrução da lei de Deus e dos próprios Dias Santos. Observe as palavras de Zacarias: “E acontecerá que, todos os que restarem de todas as nações que vieram contra Jerusalém, subirão de ano em ano para adorarem o Rei, o SENHOR dos Exércitos, e para celebrarem a Festa dos Tabernáculos” (Zacarias 14:16 ACF). Outros profetas descrevem esse período como uma era em que a lei de Deus cobrirá a Terra “como as águas cobrem o mar” (Isaías 11:9; Habacuque 2:14).

Muitos ajudarão a Jesus Cristo nesse programa educacional universal que tem o objetivo de auxiliar aos outros a compreender o caminho de Deus. Ao falar sobre esse tempo, Isaías diz que os “...instruidores nunca mais fugirão *de ti*, como voando com asas; antes, os teus olhos verão a todos os teus mestres. E os teus ouvidos ouvirão a palavra *que* está por detrás de ti, dizendo:

Este é o caminho; andai nele, sem vos desviardes nem para a direita nem para a esquerda” (Isaías 30:20-21).

A oportunidade de ajudar a outros a compreender e a reconciliar-se com Deus é um maravilhoso chamado. E aquele que fizer parte desse processo será chamado “Reparador das Roturas e Restaurador de Veredas para Morar” (Isaías 58:12).

Atualmente, Deus está chamando algumas pessoas para sair deste mundo e tornar-se Seu povo escolhido, santificado e redimido (2 Coríntios 6:16; 7:1). Essas pessoas devem viver uma vida exemplar enquanto Deus as prepara para servirem durante e depois do reino milenar de Cristo.

“Amados, peço-vos, como a peregrinos e forasteiros, que vos abstenhais das concupiscências carnis, que combatem contra a alma,” escreveu o apóstolo Pedro, “tendo o vosso viver honesto entre os gentios, para que, naquilo em que falam mal de vós, como de malfeitores, glorifiquem a Deus no Dia da visitação, pelas boas obras que em vós observem” (1 Pedro 2:11-12).

Um conflito final

Através de todo Seu plano para salvar a humanidade, Deus nunca força alguém a obedecer-Lhe. Todas as pessoas são livres para escolher o que farão e se aceitarão ou rejeitarão o Seu caminho de vida.

Depois desses mil anos, Deus permitirá a Satanás testar as convicções espirituais dos habitantes da Terra. Apocalipse 20:7-10 descreve esse tempo. Deus soltará o diabo da prisão e permitirá que ele engane aqueles que não estão convictos da perfeita retidão do caminho de Deus. Então, Deus destruirá, com fogo, os que seguirem a Satanás nessa rebelião. O esforço fútil do diabo terminará em um fracasso. Essa última e trágica rebelião contra Deus resultará em nada e a influência destrutiva e enganadora de Satanás sobre a humanidade chegará ao fim.

Agora, o palco está pronto para os acontecimentos descritos por outro Dia Santo. A Festa dos Tabernáculos oferece uma maravilhosa oportunidade de salvação para os que ficarem vivos no regresso de Cristo, bem como para os seus descendentes físicos, durante o Milênio. Mas, o que vai acontecer com milhões de pessoas das gerações passadas que viveram e morreram sem nunca compreender—ou até mesmo ouvir—a verdade de Deus? O que vai acontecer com aqueles que vão morrer no cataclismo que precederá o regresso de Cristo? Como Deus vai oferecer-lhes a salvação? No próximo capítulo teremos a resposta.

O Oitavo Dia: A Vida Eterna Oferecida a Todos

A Bíblia deixa muito claro, em Atos 4:12, que “não há salvação em nenhum outro” além de Jesus Cristo pelo qual os seres humanos podem ser salvos.

Essa passagem em particular levanta questões difíceis para quem crer que Deus está tentando desesperadamente salvar o mundo inteiro agora. *Se esse é o único período de salvação, então temos de concluir que a missão de Cristo para salvar a humanidade vem sendo um fracasso.* Afinal, ao longo dos séculos milhares de milhões de pessoas viveram e morreram sem nunca terem ouvido falar o nome de Jesus Cristo. Até mesmo hoje, morrem diariamente milhares de seres humanos sem nunca ouvir falar de Cristo.

Apesar do zelo missionário de muitos ao longo dos séculos, muito mais pessoas foram “perdidas” do que “salvas”. Se Deus é realmente todo poderoso, por que tantos nem chegaram a ouvir falar do evangelho da salvação? O retrato tradicional do conflito entre Deus e Satanás pela humanidade coloca Deus como perdedor nessa luta.

Qual é o destino dessas pessoas? O que Deus tem em mente para quem nunca creu em Cristo ou nunca compreendeu qualquer verdade de Deus? Como elas se encaixam no plano de Deus? Será que elas estão perdidas para sempre e não têm nenhuma esperança de salvação?

Não devemos duvidar do poder de salvação de Deus! Examinemos algumas suposições comuns e alcancemos o entendimento da maravilhosa solução do nosso Criador!

A solução do dilema

Paulo nos diz que Deus “*quer que todos os homens se salvem e venham ao conhecimento da verdade*” (1 Timóteo 2:4). Pedro acrescenta que Deus é “longânimo para convosco, não querendo que *alguns* se percam, senão que *todos venham a arrepender-se*” (2 Pedro 3:9). Este é o objetivo prioritário de Deus em relação à humanidade: Ele deseja que tantos quantos possível se arrependam, tomem conhecimento da verdade e recebam a Sua oferta de salvação!

Jesus explicou como isso acontecerá. João 7:1-14 descreve como Jesus foi para Jerusalém para a Festa dos Tabernáculos. Ele apareceu publicamente e disse às pessoas. “Se alguém tem sede, que venha a Mim e beba. Quem crê em Mim, como diz a Escritura, rios de água viva correrão do seu ventre” (João 7:37-38).

A mensagem de Cristo aqui registrada, muito provavelmente, foi proferida à volta do pôr do sol do sétimo e último dia da Festa dos Tabernáculos e ao começo do oitavo dia (os Dias Sagrados de Deus começam com o pôr do sol e terminam no seguinte pôr do sol). Os eruditos se dividem se teria sido no

sétimo dia ou no dia seguinte. Isto porque Levítico 23 diz que a Festa dos Tabernáculos dura sete dias, mas que é seguida imediatamente por um Dia Santo Anual, o “oitavo” dia (versículos 33-36, 39).

No entanto o peso da evidência e a sequência dos acontecimentos indicam que o capítulo 7 de João descreve eventos à volta do pôr-do-sol do sétimo dia e ao começo do oitavo dia (os Dias Sagrados de

Deus começam com o pôr do sol e terminam no seguinte pôr do sol). O capítulo conclui com as pessoas retornando às suas casas ao anoitecer daquele dia. O tema do ensinamento de Cristo continua no capítulo 8 (que é claramente a manhã seguinte, versículo 2) e inclui a oferta de salvação a toda a humanidade.

Em Levítico 23:39, vemos que este dia segue imediatamente a Festa dos Tabernáculos, mas é uma festa separada com seu próprio e distinto significado. Com base nas palavras de Cristo (em João 7:37) e



O que é que Deus tem em mente para quem nunca creu em

Cristo ou nunca compreendeu qualquer verdade de Deus?

Como é que Deus providencia para elas no Seu plano?

no tema da oferta de salvação a toda a humanidade, às vezes, esta festa é chamada de o “Último Grande Dia”, embora o Antigo Testamento simplesmente a chame de “o oitavo dia”.

O simbolismo do ensinamento de Cristo

Qual foi o significado do ensinamento de Cristo sobre a “água viva”? Nos seus dias, segundo a tradição, durante a Festa dos Tabernáculos, os sacerdotes traziam vasos de ouro com água do tanque de Siloé, no lado sul de Jerusalém, e derramavam sobre o altar no templo. Essa alegre celebração ao som de trombetas marcava essa cerimônia enquanto o povo cantava as palavras de Isaías: “E vós, com alegria, tirareis águas das fontes da salvação” (Isaías 12:3).

E, donde todos podiam ouvi-Lo, Jesus deu uma lição sobre essa água (ao fim do sétimo dia, início do oitavo), revelando que *todos aqueles* que estivessem com sede podiam ir até *Ele* para serem refrescados—*para sempre*. A água representava, na analogia de Cristo, o Espírito Santo de Deus, o qual aqueles que acreditavam em Jesus receberiam (João 7:39). Ele mostrava que as neces-

sidades básicas da sede e da fome espiritual somente podiam ser satisfeitas por Ele, que é “o pão da vida” (João 6:48) e a fonte da água viva.

Mas quando isso aconteceria? Em seis meses, os próprios compatriotas de Cristo pressionariam as autoridades romanas a executá-Lo. E cerca de quarenta anos depois, o templo e todas as suas cerimônias, incluindo as descritas acima, chegaram ao fim pelas mãos das legiões romanas.

A humanidade ainda está faminta e sedenta pela mensagem trazida por Cristo—e pelos significado de viver justamente para encontrar a verdadeira felicidade. A promessa de Deus de derramar Seu Espírito sobre *toda a carne* (Joel 2:28) ainda não foi cumprida, exceto em uma maneira pequena e preliminar entre os poucos que Ele chamou nesta era. Milhares de milhões de pessoas morreram sem satisfazerem suas mais profundas necessidades espirituais. Quando elas serão renovadas pelo poder vivificante do Espírito de Deus?

Uma ressurreição física para uma oportunidade de salvação

Para encontrar a resposta, devemos analisar novamente uma questão que os discípulos trouxeram a Cristo logo antes de Sua ascensão: “Senhor, restaurás Tu neste tempo o reino a Israel?” (Atos 1:6). Quando os discípulos falaram dessa restauração, eles a entenderam no contexto das muitas profecias de uma nação reunificada de Israel sob o governo vindouro do Messias.

Essa profecia está em Ezequiel 37. Essa escritura descreve a visão de Ezequiel de um vale cheio de ossos. Deus pergunta: “Filho do homem, acaso, poderão reviver estes ossos?”, Ao que o profeta responde: “SENHOR Deus, tu o sabes” (versículo 3, ARA). Deus então diz aos ossos: “Eis que farei entrar o espírito em vós, e vivereis. Porei tendões sobre vós, farei crescer carne sobre vós, sobre vós estenderei pele e porei em vós o espírito, e vivereis. E sabereis que eu sou o SENHOR” (versículos 5-6, ARA).

Nesta visão acontece uma ressurreição física. O relato reconhece a desesperada situação em que essas pessoas se encontravam: “Os nossos ossos se secaram, e pereceu a nossa esperança; estamos de todo exterminados” (versículo 11, ARA).

Seu Criador, contudo, oferece-lhes a esperança de *uma ressurreição e o dom do Espírito Santo* num cenário de uma nação reunificada. Nessa dramática visão, a antiga Israel serve de modelo para todos os povos que Deus ressuscitará à vida física. Diz Deus: “*Eu abrirei as vossas sepulturas, e vos farei sair das vossas sepulturas, ó povo Meu...porei em vós o Meu Espírito, e vivereis*” (versículos 12, 14). Neste tempo futuro, Deus disponibilizará gratuitamente água espiritual vivificadora do Seu Espírito Santo.

Deus promete: “*Farei com eles aliança de paz; será aliança perpétua... O meu tabernáculo estará com eles; Eu serei o Seu Deus, e eles serão o Meu povo*” (Ezequiel 37:26-27).

O apóstolo Paulo também se referiu a esse futuro evento: “Digo, pois: porventura, rejeitou Deus o seu povo? De modo nenhum! Porque também eu sou

israelita, da descendência de Abraão, da tribo de Benjamim. Deus não rejeitou o Seu povo, que antes conheceu” (Romanos 11:1-2).

Como Paulo escreveu ainda: “E, assim, todo o Israel será salvo” (Romanos 11:26). Isso não significa até o último indivíduo, pois alguns acabarão rejeitando a oferta de salvação de Deus (ver “Qual Será o Destino dos Impenitentes?” Na página 51). Mas está claro que a maior parte da nação será salva. Entretanto, não apenas Israel, mas todos os que nunca tiveram a oportunidade de beber da água viva da Palavra de Deus e do Seu Espírito Santo finalmente poderão fazê-lo (Romanos 9:22-26). Deus lhes oferecerá a oportunidade da vida eterna.

O Julgamento do Grande Trono Branco

Em Apocalipse 20:5, João escreve: “Os outros mortos não reviveram, até que os mil anos se acabaram.” Aqui, João faz uma clara distinção entre a *primeira* ressurreição, que ocorre no momento da segunda vinda de Cristo (versículos 4, 6), e a *segunda* ressurreição, que acontecerá no fim do reino milenar de Cristo. Lembre-se que a primeira ressurreição é para a *vida eterna*. Em contraste, Deus ressuscita estes na segunda ressurreição para uma *existência física, com carne e sangue*.

João relata essa mesma segunda ressurreição para a vida física descrita por Ezequiel: “Vi um grande trono branco e o que estava assentado sobre ele, de cuja presença fugiu a terra e o céu, e não se achou lugar para eles. E vi os mortos, grandes e pequenos, que estavam diante do trono, e abriram-se os *livros*. E abrii-se outro livro, que é o da vida. E os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritas nos *livros*, segundo as suas obras. E deu o mar os mortos que nele havia; e a morte e o inferno deram os mortos que neles havia; e foram julgados, cada um, segundo as suas obras” (versículos 11-13).

Os mortos que estão diante do Criador são todos aqueles que morreram sem nunca conhecer o verdadeiro Deus. Como na visão de Ezequiel dos ossos secos voltando à vida, essas pessoas saem de suas sepulturas e começam a conhecer o Seu Deus. Os *livros* (*bíblia* em grego, donde provém a palavra *Bíblia*) são as Escrituras, a única fonte do conhecimento da vida eterna. Finalmente, todos terão uma oportunidade de entender completamente o plano de salvação de Deus.

Essa ressurreição física *não* é uma segunda oportunidade para a salvação. Para essas pessoas realmente é a *primeira* oportunidade para conhecer o Criador. Os ressuscitados são “julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros” (versículo 12). Este julgamento envolverá um período de *avaliação* durante o qual eles terão a *oportunidade de ouvir, compreender e crescer* no caminho de vida de Deus, e os seus nomes serão escritos no Livro da Vida (versículo 15). Durante esse tempo, bilhões de pessoas terão acesso à vida eterna.

Esta última festa do ano mostra quão profundos e abrangentes são os misericordiosos julgamentos de Deus. Jesus Cristo falou da maravilhosa ver-

dade representada por esse dia quando comparou três cidades daquela época, que falharam em responder aos Seus miraculosos feitos, com três cidades do mundo antigo:

“Ai de ti, Corazim! Ai de ti, Betsaida! Porque, se em Tiro e em Sidom fossem feitos os prodígios que em vós se fizeram, há muito que se teriam arrependido com pano de saco grosseiro e com cinza. Por isso, eu vos digo que haverá menos rigor para Tiro e Sidom, no Dia do Juízo, do que para vós. E tu, Cafarnaum, que te ergues até aos céus, serás abatida até aos infernos; porque, se em Sodoma tivessem sido feitos os prodígios que em ti se operaram, teria ela permanecido até hoje. Porém eu vos digo *que* haverá menos rigor para os de Sodoma, no Dia do Juízo, do que para ti” (Mateus 11:21-24).

Os habitantes de Tiro, Sidom e Sodoma da antiguidade—cidades que atraíram a ira de Deus por suas depravações—receberão misericórdia no dia de julgamento. Ao contrário de Corazim, de Betsaida e de Cafarnaum, estas cidades de tempos antigos tiveram pouca oportunidade de conhecer Deus. No entanto, Ele finalmente ressuscitará essas pessoas logo após os primeiros mil anos do reinado de Cristo sobre o mundo, incluindo-as no tempo do julgamento, quando até mesmo aqueles que viveram em eras passadas serão reconciliados com Deus.

Em exemplos semelhantes, Jesus se refere ao povo da antiga cidade pagã de Nínive, à rainha do Sul (de Sabá) do tempo de Salomão e, uma vez mais, a Sodoma e Gomorra da antiguidade, que servem como o epítome da maldade (Mateus 10: 14-15; 12:41-42). Deus não tolera a perversão e o pecado, mas é evidente que Ele não concluiu Seu trabalho na vida das pessoas dessas gerações antigas. Isto requer que eles sejam ressuscitados—trazido à vida física de novo—e, finalmente, instruídas em Seus caminhos.

Jesus estava descrevendo uma época em que pessoas de todas as eras passadas—as pessoas falecidas da antiga cidade assíria de Nínive e a bíblica “rainha do sul” da época de Salomão se levantarão com as pessoas de Sua geração e viverão ao mesmo tempo...e, juntas, toda entenderão a verdade sobre quem era Cristo e o propósito da vida. Será um tempo de *conhecimento universal de Deus*. Desde o menor até o maior, todos O conhecerão (Hebreus 8:11). Essa pessoas, mencionadas especificamente por Jesus mencionou e muitíssima outras, finalmente terão sua oportunidade de salvação.

Esse último período de julgamento conclui o plano de Deus para salvar o mundo. Será um tempo de amor, de profunda misericórdia e do insondável julgamento de Deus. A oportunidade de beber das águas vivificantes do Espírito Santo realmente saciará a mais profunda sede de homens e mulheres. Esse tempo de justo julgamento trará de volta à vida aqueles que já haviam sido esquecidos pela humanidade, mas que nunca foram esquecidos por Deus.

Qual é o destino dos que morrem sem conhecer realmente a Jesus Cristo, o Filho de Deus? Qual a esperança de bilhões de pessoas que viveram e morreram sem conhecer o propósito de Deus? As Escrituras mostram que elas não

estão sem esperança. Ele os trará de volta à vida e lhes dará a oportunidade de vida eterna como seres espirituais no Reino de Deus.

Deus fará com que o Seu plano se realize e trará muitos filhos à glória (Hebreus 2:10). Sua promessa de derramar o Seu Espírito sobre toda a carne será totalmente cumprida. As águas que saciam a sede do Espírito Santo estarão disponíveis a todos no tempo representado pelo Oitavo Dia, a última das festas anuais de Deus.

Essas festas bíblicas representam um plano maravilhoso! Estaríamos completamente desorientados sem o entendimento delas!

Qual Será o Destino dos Impenitentes?

Embora Deus, generosamente, estenderá a oportunidade para a salvação a todos aqueles que nunca O conheceram, alguns ainda se recusarão a arrepender-se e submeter-se a Ele para receber Seu dom de vida eterna.

Qual será o destino deles? A Bíblia revela que, em vez de sofrerem para sempre em um inferno de fogo inextinguível, simplesmente eles deixarão de existir.

Apocalipse 20:15 nos diz que, depois do julgamento final representado pelo Oitavo Dia, “aquele que não foi achado escrito no livro da vida foi lançado no lago de fogo”.

E Apocalipse 21:8 acrescenta: “Mas, quanto aos tímidos, e aos incrédulos, e aos abomináveis, e aos homicidas, e aos fornicadores, e aos feiticeiros, e aos idólatras e a todos os mentirosos, a sua parte será no lago que arde com fogo e enxofre, o que é a segunda morte”.

Observe que a Apocalipse declara que o destino dos pecadores (que não se tenham arrependido) é claramente a morte, e não a vida eterna em contínua punição.

Paulo também entendeu que a morte é o castigo dos ímpios. “Porque o salário do pecado é a morte, mas o

dom gratuito de Deus é a vida eterna por Cristo Jesus nosso Senhor” (Romanos 6:23).

Ele contrasta a morte, que é o que se recebe por causa dos pecados — com a vida, que é o dom gratuito de Deus para nós através do sacrifício de Jesus Cristo, que morreu em nosso lugar.

O profeta Malaquias descreveu claramente o destino dos ímpios incorrigíveis: “Porque eis que aquele dia vem ardendo como forno; todos os soberbos e todos os que cometem impiedade serão como palha; e o dia que está para vir os abrasará, diz o SENHOR dos exércitos, de sorte que lhes não deixará nem raiz nem ramo”.

“Mas para vós que temeis o Meu nome nascerá o Sol da Justiça e salvação trará debaixo das Suas asas; e saíreis e crescereis como os bezeros do cevadouro. E pisareis os ímpios, porque se farão cinza debaixo das plantas de vossos pés, naquele dia que farei, diz o SENHOR dos exércitos” (Malaquias 4:1-3).

Para saber mais sobre o fogo do inferno e sobre o destino daqueles que, por fim, se recusarem a seguir a Deus, baixe ou solicite gratuitamente o nosso guia de estudo bíblico “O Céu e O Inferno: O Que Realmente Ensina a Bíblia?”

Como Devemos Observar as Festas de Deus?

Depois de sabermos que os Dias Santos são importantes e vitais para a humanidade e eminentemente aplicáveis ao nosso mundo moderno, naturalmente desejamos conhecer mais sobre como guardá-los.

Onde devemos celebrá-los? Devemos guardá-los em casa ou em algum tipo de culto religioso? Que devemos fazer nestes dias? Deus importa-se se trabalharmos normalmente nesses dias ou devemos reservá-los para outros propósitos? Como a observância desses dias afetará a nossa família e a nossa profissão?

Estas são questões importantes que temos de considerar uma vez que tomemos conhecimento das Festas de Deus. Examinemos alguns princípios bíblicos que devemos levar em conta ao lidarmos com os assuntos da vida cotidiana quanto a esse conhecimento.

Todos diferentes, mas todos santos

Algumas dessas festas têm maneiras específicas de observância que os diferenciam uns dos outros. Por exemplo, a Páscoa envolve unicamente a participação do pão e do vinho como símbolos da morte de Cristo. Os Dias de Pães Asmos são os únicos dias de festa em que Deus nos diz para retirar o fermento de nossas casas. O Dia da Expição é o único Dia Santo que se observa com um jejum. A correta observação destes dias inclui a aceitação destas distinções e cada uma deles nos ensina lições espirituais.

Contudo, no conjunto, há princípios comuns que são aplicáveis à observação de todos os Dias Santos de Deus. Primeiro, temos que nos lembrar de que *para Deus esses dias são santos*. Essas “solenidades do SENHOR, que convocareis, serão *santas convocações*” disse Deus (Levítico 23:2).

Deus é o único que pode fazer algo santo. Deus coloca esses dias em particular em um plano mais alto do que quaisquer outras celebrações imaginadas pelo homem. Homens e mulheres podem dedicar tempo a Deus para um determinado propósito, mas *só Deus pode reservar um tempo como sagrado* (Gênesis 2:3; Êxodo 20:8, 11). Quando exercemos o devido respeito e apreço por essas ocasiões anuais especiais, também *honramos o próprio Deus ao reconhecermos Sua autoridade sobre nossas vidas*. Entender este princípio é importante para adorar a Deus adequadamente.

O nosso Criador deseja que todas as pessoas, voluntariamente e com fé, sigam todas as Suas instruções (Isaías 66:2). Uma atitude cooperativa e humilde contrasta com o estado de espírito daqueles que querem fazer o mínimo possível para sobreviver. O cerne da questão é se realmente *cremos e amamos a Deus*. O apóstolo João ilustrou a atitude que Deus deseja quando escreveu: “Porque *este* é o amor de Deus: *que guardemos os Seus mandamen-*

tos; e os Seus mandamentos não são pesados” (1 João 5:3 ACF).

Deus ordena assembleias anuais

Mas como Deus quer que seja nosso procedimento hoje em dia? Consideremos a Sua instrução básica: “Estas *são* as solenidades do SENHOR, as *santas convocações*, que convocareis no seu tempo determinado...” (Levítico 23:4). Outras versões da Bíblia, como a Bíblia Sagrada Edição Pastoral e a Bíblia Sagrada da Difusora Bíblica usam a expressão “*assembleias sagradas*”, mas o significado é o mesmo. Essas são convocações anuais em que devemos nos reunir com outros crentes. Como nos Sábados semanais, Deus ordena cultos especiais de adoração em cada um dos Dias Santos.

Deus revelou aos primeiros cristãos o princípio da reunião nos Sábado e nos Dias Santos com outras pessoas que têm o mesmo propósito: “Guardemos firme a confissão da esperança, sem vacilar, pois quem fez a promessa é fiel. Consideremo-nos também uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras. *Não deixemos de congregar-nos*, como é costume de alguns; *antes, façamos admoestações* e tanto mais quanto vedes que o Dia [da vinda de Cristo] se aproxima” (Hebreus 10:23-25 ARA). Que melhor ocasião para encorajar e exortar um ao outro do que a dos dias que retratam o grande plano da salvação de Deus!

Quando nos reunimos nessas festas anuais, nos presentearmos com a maravilhosa oportunidade de aprender mais acerca do plano de salvação de Deus. O oitavo capítulo de Neemias registra um exemplo impressionante do povo de Deus reunindo-se para celebrar a Festa das Trombetas (versículo 2). Durante o serviço religioso, os líderes “ensinavam ao povo na Lei...E leram o livro, na Lei de Deus, e declarando e explicando o sentido, faziam que, lendo, se entendesse” (Neemias 8:7-8). A Igreja primitiva continuou guardando essas festas anuais de acordo com estes mesmos princípios, mas com muito mais entendimento espiritual (Atos 2; 1 Coríntios 5:6-8).

Nos tempos de Neemias o povo precisava de encorajamento porque haviam negligenciado as festas de Deus. “E Neemias (que era o tirsata [governador]), e o sacerdote Esdras, o escriba, e os levitas que ensinavam ao povo disseram a todo o povo: *Este dia é consagrado ao SENHOR*, vosso Deus, *pelo que* não vos lamenteis, nem choreis. Porque todo o povo chorava, ouvindo as palavras da Lei. Disse-lhes mais: Ide, e comei as gorduras, e bebei as doçuras, e enviai porções aos que não têm nada preparado para si; porque esse dia *é consagrado ao nosso Senhor*; portanto, não vos entristeçais, porque a alegria do SENHOR é a vossa força” (Neemias 8:9-10). Então, depois de aprender sobre a lei de Deus, “todo o povo se foi a comer, e a beber, e a enviar porções, e a fazer grandes festas, porque entenderam as palavras que lhes fizeram saber” (versículo 12).

Esses dias especiais devem ser aproveitados por toda a família—todos os que participam! Especialmente na Festa dos Tabernáculos em que há tempo suficiente para atividades e recreações familiares adequadas, assim como a alegria do conhecimento espiritual revelado por Deus.

Obedecendo a Deus e vivendo pela fé

Com o intuito de nos alegrarmos adequadamente nos dias de celebração a Deus, nós não devemos realizar o nosso trabalho habitual (Levítico 23:3, 7-8, 21, 25, 35-36). Veja que a preparação de comida nesses Dias Santos envolve trabalho, mas Deus diz que esse tipo de esforço é permitido e apropriado (Êxodo 12:16). Contudo, no Dia da Expição temos renunciar a todo o trabalho regular, incluindo, é claro, a preparação de alimentos (Levítico 23:28, 30-31).



Estas festas são ocasiões especiais em que nós devemos reunir com outros crentes. Tal como acontece com o Sábado semanal, Deus ordena cultos especiais em cada um de Seus Dias Santos

Também demonstramos nossa obediência e compromisso com Deus providenciando um tempo de descanso do nosso trabalho para que possamos celebrar os Dias Santos. Com planejamento adequado e respeitosa comunicação com nossos patrões, certamente a maioria das pessoas pode organizar os detalhes necessários para tirar esses dias de folga. É nossa responsabilidade informar, com sabedoria e paciência, aos membros da família sobre a nossa decisão de observar as festas de Deus.

Responder à instrução de Deus é uma questão de fé. Como diz Paulo em 2 Coríntios 5:7: “Porque andamos por fé e não por vista”. Portanto, é importante para nós começar a guardar os Dias Santos *assim que* aprendemos acerca deles. Mesmo que inicialmente não compreendamos tudo, aprenderemos muito mais à medida que começamos a observá-los (comparar Salmos 111:10).

Se você quiser saber mais sobre como observar as festas anuais, entre em contato com nosso escritório mais próximo na lista de endereços que está no final dessa publicação. Se caso desejar, podemos enviar o seu pedido ao ministro mais próximo de você. Ele pode informá-lo dos horários e locais dos Dias Santos anuais e dos serviços semanais de sábado mais próximos de você.

Em resumo, os dias de festa anuais são um tempo de alegria, não apenas por conta de seu significado para nós, mas por causa da maravilhosa esperança que trazem para toda a humanidade. Observar os Dias Santos lembra-nos do grande amor de Deus pela humanidade. Adorar a Deus dessa maneira é uma alegria e prazer. Sem dúvida, essas festas são um maravilhoso presente de Deus para o Seu povo!

Colossenses 2:16 Mostra os Cristãos Gentios Observando os Dias Santos

Paulo escreveu: “Portanto, ninguém vos julgue pelo comer, ou pelo beber, ou por causa dos dias de festa, ou da lua nova, ou dos sábados, que são sombras das coisas futuras...” (Colossenses 2:16-17). Muitas vezes, esta passagem é mal interpretada. O que realmente ela diz?

Paulo estava combatendo uma heresia local. Falsos mestres tinham introduzido na congregação sua própria filosofia religiosa, que era uma mistura de conceitos judaicos e gentios. As suas ideias distorcidas eram fundamentadas na “tradição” humana e nos “rudimentos do mundo”, e não na Palavra de Deus. Paulo avisou aos colossenses, dizendo-lhes: “Tende cuidado para que ninguém vos faça presa sua, por meio de filosofias e vãs subtilidades, segundo a tradição dos homens, segundo os rudimentos do mundo e não segundo Cristo” (versículo 8).

Esses falsos mestres introduziram as suas próprias normas e regulamentos como ideia de conduta adequada (versículos 20-22). O conteúdo da advertência de Paulo à igreja colossense indica fortemente que esses hereges foram percursores de uma grande heresia que se transformou em gnosticismo—um sistema de crenças que sustenta esse conhecimento secreto (gnosis é termo grego para “conhecimento”, donde se deriva a palavra gnosticismo) para melhorar a religião de uma pessoa. Os gnósticos declaravam-se tão espirituais que desdenhavam virtualmente qualquer coisa física, considerando-a como inferior a eles.

Em Colossos, os falsos mestres rejeitavam tudo que era físico—as coisas perecíveis que podiam ser tocadas, provadas ou manuseadas (versículos 21-22)—particularmente, quando se relacionava com a adoração. Essa filosofia encorajava a negligenciar as necessidades físicas do corpo para se alcançar elevada ‘espiritualidade’. Na realidade, essa religião autoimposta, em nada ajudava a combater a natureza humana. Como Paulo escreveu, não foi “de valor algum, senão para a satisfação da carne” (versículo 23).

Os cristãos de Colossos obedeciam a Deus. Eles guardavam o Seu Sábado e Dias Santos, e regozijavam-se neles, seguindo as instruções bíblicas (Deuteronômio 16:10-11, 13-14). Os hereges condenavam a igreja de Colossos pela maneira como os colossenses celebravam os Dias Santos. Veja que eles não contestavam esses dias. Mas era a alegria física deles—alegrando-se e participando das festas—que provocava a oposição desses falsos mestres.

Observe novamente as palavras de Paulo: “Portanto, ninguém vos julgue pelo comer, ou pelo beber, ou por causa [do grego meros significando ‘parte’ ou ‘relativo a qualquer porção’] dos dias de festa, ou da lua nova, ou dos sábados” (Colossenses 2:16). Paulo estava dizendo aos cristãos para ignorarem os julgamentos e críticas dos hereges sobre o prazer de comer e beber nas festas de Deus.

Em vez de mostrar indiferença pelos dias que Deus estabeleceu como sagrados, os comentários de Paulo nesta passagem confirmam que os cristãos colossenses—a maioria gentios (Colossenses 2:13)—estavam observando o Sábado semanal e os Dias Santos de Deus mais de trinta anos depois da morte e ressurreição de Jesus Cristo.

Se eles não estivessem observando esses dias, os hereges não teriam base para suas objeções quanto à atitude de comer e beber—a porção festiva—no sábado e nos dias santos. (Para saber mais, solicite ou baixe nosso guia de estudo bíblico gratuito A Nova Aliança: Será que a Lei de Deus foi Abolida?).

ENDEREÇOS POSTAIS

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA:

(Pode pedir em Português, Espanhol ou Inglês)

Igreja de Deus Unida

P O Box 541027, Cincinnati, OH, 45254-1027

Telefone: +1 (513) 576 9796

BRASIL:

Igreja de Deus Unida

Caixa Postal 1027, Patos de Minas – MG, CEP 38700-972

Telefone: +1 (513) 576 9796

ANGOLA:

Igreja União Internacional de Deus de Angola

Em parceria com a Igreja de Deus Unida, *uma Associação Internacional*

Caixa Postal nº12, Cacuaco-Luanda, Angola

Telefones: +244 923 429 320 / +244 923 719 704

E-mail: igrejauiinternacionaldeusangola@gmail.com

INTERNET:

<http://portugues.ucg.org> | www.revistaboanova.org

www.ucg.org

e-mail: info@ucg.org

Autor: United Church of God

Contribuidores editoriais: Gail Allwine, Bill Bradford, Roger Foster,

Rod Hall, Allen Hirst, Darris McNeely, John Ross Schroeder

Revisores editoriais: Scott Ashley, Paul Kieffer, Burk McNair, Donald Ward

Foto da Capa: 123RF

Artista de layout em Português: Michelle Vautour

Tradutores: Giovane Macedo e Laura Macedo

Revisor da tradução: Jorge Manuel de Campos

Para Saber Mais . . .

Quem Somos: Esta literatura é distribuída gratuitamente pela Igreja de Deus Unida, uma Associação Internacional, que tem ministros e congregações em muitas partes do mundo.

Nossas raízes remontam à Igreja que Jesus fundou, no início do primeiro século. Seguimos os mesmos ensinamentos, doutrinas e práticas que então foram estabelecidas. A nossa incumbência é a de proclamar o evangelho do vindouro Reino de Deus em todo o mundo, como um testemunho, e também ensinar todas as nações a observar o que Cristo ordenou (Mateus 24:14; 28:19-20).

Gratuidade: Jesus Cristo disse: “de graça recebestes, de graça dai” (Mateus 10:8). A Igreja de Deus Unida oferece esta e outras publicações gratuitamente, como um serviço educacional de interesse público. Nós o convidamos a solicitar sua inscrição gratuita da revista A Boa Nova e a inscrever-se em nosso Curso Bíblico, composto de doze lições, que também é gratuito.

Somos gratos pelos generosos dízimos e ofertas dos membros da Igreja e doutros colaboradores que, voluntariamente, contribuem para apoiar esta obra. Nós não solicitamos fundos ao público em geral. No entanto, são bem-vindas as contribuições para ajudar-nos compartilhar esta mensagem de esperança com outros. Detalhes bancários para depositar seus dízimos ou ofertas estão na contra-capa da revista A Boa Nova. Nossa contabilidade é auditada anualmente por uma firma independente de auditoria.

Aconselhamento pessoal: Jesus ordenou aos seus seguidores a apascentar Suas ovelhas (João 21:15-17). Para cumprimento dessa instrução, a Igreja de Deus Unida tem congregações ao redor do mundo, onde os crentes reúnem-se para receberem o ensinamento das Escrituras e para se confraternizarem.

A Igreja de Deus Unida empenha-se em entender e praticar o cristianismo do Novo Testamento. Desejamos compartilhar o caminho de vida de Deus com aqueles que, fervorosamente, buscam adorar e seguir o nosso Salvador, Jesus Cristo.

Os nossos ministros estão disponíveis para aconselhamento, para responder a questões e dúvidas sobre a Bíblia. Caso deseje contatar um ministro, ou visitar uma de nossas congregações, sinta-se à vontade para entrar em contato o nosso escritório mais próximo.

Informação adicional: Visite o nosso site portugues.ucg.org para solicitar ou baixar os nossos guias de estudo Bíblicos ou a revista A Boa Nova. Se desejar corresponder-se conosco em português, por favor envie um e-mail para info@ucg.org ou escreva a um dos endereços listados neste guia de estudo Bíblico.

